

# BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

## BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

*Sob a direcção de Fernando de Azevedo*

### VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — BAPTISTA PEREIRA: Figuras do Império e outros ensaios — 2.ª edição.
- 2 — PANDIÁ CALOGERAS: O Marquez de Barbacena — 2.ª edição.
- 3 — ALCIDES GENTIL: As idéas de Alberto Torres (synthese com indice remissivo).
- 4 — OLIVEIRA VIANNA: Haça e Assimilação — (1.ª edição augmentada).
- 5 — AUGUSTO DE SAINT HILAIRE: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822) — Trad. e prof. de Affonso de E. Touday — 2.ª edição.
- 6 — BAPTISTA PEREIRA: Vultos e episodios do Brasil — 2.ª edição.
- 7 — BAPTISTA PEREIRA: Directrices de Ruy Barbosa — (Segundo texto actualizado) — 2.ª edição.
- 8 — OLIVEIRA VIANNA: Populações Meridionares do Brasil — 4.ª edição.
- 9 — NINA RODRIGUES: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — OLIVEIRA VIANNA: Evolução do Povo Brasileiro — 3.ª edição (illustrada).
- 11 — LUIZ DA CAMARA CASCAPO: O Conde d'Eu — Vol. illustrado.
- 12 — WANDERLEY PINHO: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe — Vol. illustrado.
- 13 — VICENTE LICINIO CAMPOS: A margem da Historia do Brasil — 2.ª ed.
- 14 — PEDRO CALMON: Historia da Civilização Brasileira — 3.ª edição.
- 15 — PANDIÁ CALOGERAS: Da Regencia a queda do Rosas — 3.ª volume da série "Relações Exteriores do Brasil".
- 16 — ALBERTO TORRES: A Organização Nacional — 3.ª edição.
- 17 — ALBERTO TORRES: O Problema Nacional Brasileiro — 2.ª edição.
- 18 — VINÇONCE DE TAUNAY: Pedro II — 2.ª edição.
- 19 — AFFONSO DE E. TAGNAT: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII) — 2.ª edição.
- 20 — ALBERTO DE FAHIA: Mbaú (com tres illustrações (tra do texto).
- 21 — BAPTISTA PEREIRA: Pelo Brasil Melhor.
- 22 — E. ROQUETTE-PINTO: Ensaio de Antropologia Brasileira.
- 23 — LYRISTO DE MORAES: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — PANDIÁ CALOGERAS: Problemas de Administração.
- 25 — MARIO MARROQUIM: A Fogueira do Nordeste.
- 26 — ALBERTO RANGEL: Rumos e Perspectivas.
- 27 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: Populações Paulistas.
- 28 — GENERAL COCTO DE MACHALLES Viagem no Araguaya — 4.ª edição.
- 29 — JESUÉ DE CASTRO: O problema da alimentação no Brasil — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — CAR. FREDERICO A. RONDON: Pelo Brasil Central — Ed. illustrada — 2.ª ed.
- 31 — ARYDEU AMARAL: O Brasil na crise actual.
- 32 — C. DE MELLO-LUTÃO: Visitantes do Primeiro Imperio — Ed. illustrada. (com 19 figuras).
- 33 — J. DE SAMPAIO FERREZ: Meteorologia Brasileira.
- 34 — ANTONIO COSTA: Introdução á Archeologia Brasileira — Ed. illustrada.
- 35 — A. J. SAMPAIO: Phytogeographia do Brasil — Ed. illustrada — 2.ª edição.
- 36 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano — 3.ª edição.
- 37 — J. N. DE ALMEIDA PRADO: Preluciosos Povoadores do Brasil — (Ed. illustrada).

- 38 — RUY BARROSA: Moçambique e Estímulo (Cartas inéditas (Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe — Ed. illustrada.
- 39 — E. ROQUETTE-PINTO: Rondônia — 4.ª edição (augmentada e illustrada).
- 40 — PEDRO CALMON: Historia Social do Brasil — 1.º Tomo — Espirito da Sociedade Colonial — 2.ª edição.
- 41 — JOSÉ-MARIA BELLO: A intelligencia do Brasil — 3.ª edição.
- 42 — PANDIÁ CALOGERAS: Formação Histórica do Brasil — 1.ª edição (com 3 mapas fóra do texto).
- 43 — A. SABOTA LIMA: Alberto Torres e sua obra.
- 44 — ESTEVÃO PINTO: Os Indigenas do Nordeste (com 15 gravuras e mapas) — 1.º volume.
- 45 — BASTIEN DE MADALHÃES: Frotações Geographicas do Brasil Colonial.
- 46 — RENATO MENDONÇA: A influencia africana no portuguez do Brasil — Ed. illustrada.
- 47 — MANOEL BOMFIM: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — URBINO VIANNA: Bandeiras e sertanistas bahianos.
- 49 — GUSTAVO BARROSO: Historia Militar do Brasil — Ed. illustrada, com 50 gravuras e mapas — 2.ª edição.
- 50 — MARIO TRAVASSOS: Projectão Continental do Brasil — Prefacio de Pandiá Calogeras — 3.ª edição ampliada.
- 51 — OCTAVIO DE FREITAS: Doenças africanas no Brasil.
- 52 — GENERAL COSTO DE MADALHÃES: O selvagem — 3.ª edição completa, com parte original Tupy-guarany.
- 53 — A. J. DE SAMPAIO: Biogeographia dinamica.
- 54 — ANTONIO GONTHO DE CARVALHO — Calogeras.
- 55 — HILDEBRANDO ACCIOLI: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — CHARLES EXFELY: Mulheres e Costumes do Brasil — Tradução, prefacio e notas de Gastão Penálvia.
- 57 — FLEISIMO RODRIGUE VALLE: Elementos do Folklore musical Brasileiro.
- 58 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem à Provincia de Santa Catharina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — ALFREDO ELLE JUNIOR: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — EMILIO RIVASSAU: A vida dos Indios Guayentou — Edição illustrada.
- 61 — CONDE D'EU: Viagem Militar no Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleijzer) — Edição illustrada.
- 62 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: O Rio São Francisco — Edição illustrada.
- 63 — RAYMUNDO MORAES: Na Planície Amazonica — 4.ª edição.
- 64 — GILBERTO FREIRE: Sobrados e Mocambos — Decadencia patriarcal rural no Brasil — Edição illustrada.
- 65 — JOÃO DORNAS FILHO: Silva Jardim.
- 66 — PRIMITIVO MOACYR: A Instrucção e o Imperio (Subsidios para a historia de educacão no Brasil) — 1823-1833 — 1.º volume.
- 67 — PANDIÁ CALOGERAS: Problemas de Governo — 2.ª edição.
- 68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e Pela Provincia de Goyaz — 1.º tomo — Tradução e notas de Clodo Ribeiro Lessa.
- 69 — PRADO MAIA: Atravez da Historia Naval Brasileira.
- 70 — AFFONSO ALINHOS DE MELLO FRANCO: Conceito da Civilizaçáo Brasileira.
- 71 — F. C. HOEDNE — Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI — (Pesquisas e contribuções).
- 72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE — Segunda viagem no Interior do Brasil — "Espirito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — LUCIA MIGUEL-PEREIRA: Munchado de Anais — (Estudo Critico-Biographic) — Edição illustrada.
- 74 — PANDIÁ CALOGERAS — Estudos Historicos e Politicos — (Rev. Nostra...) — 2.ª edição.
- 75 — AFFONSO A. DE FREITAS: Vocabulario Nheengatu" (vernaculizada pelo portuguez falado em S. Paulo) — Lixus Tupy-guarany.
- 76 — GUSTAVO BARROSO: Historia secreta do Brasil — 1.ª parte: "Do descobrimento a abdicaçáo de Pedro I" — Edição illustrada — 3.ª edição.

- 77 — C. DE MELLO-LEITÃO: Zoologia do Brasil — Edição ilustrada.
- 78 — AGOSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Província do Goyaz — 2.º tomo — tradução e notas de Cláudio Ribeiro Lezau.
- 79 — CRAVEIRO COSTA: O Visconde de Sinimbu — Sua vida e sua actuação na politica nacional — 1840-1889.
- 80 — OSWALDO R. CABRAL: Santa Catharina — Edição illustrada.
- 81 — LEMOS BRITTO: A Gloriosa Soldado do Primeiro Imperio — Frei Caneca — Ed. illustrada.
- 82 — C. DE MELLO-LEITÃO: O Brasil Visto pelos Ingleses.
- 83 — PEDRO CALMON: Historeta Social do Brasil — 2.º Tomo — Espirito da Sociedade Imperical.
- 84 — ORLANDO M. CARVALHO: Problemas Fundamentais do Municipio — Edição illustrada.
- 85 — WANDERLEY PINHO: Cotegipo o seu tempo — Ed. illustrada.
- 86 — AURELIO PINHEIRO: A Margem do Amazonas — Ed. illustrada.
- 87 — PRIMITIVO MOACYR: A Instrução e o Imperio — (Substituo para a Historia da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reforma do ensino — 1854-1889.
- 88 — HELIO LOBO: Um Varão da Republica: Fernando Lobo.
- 89 — CORONEL E. LOURIVAL DE NOBRA: As Forças Armadas e o Destino Historico do Brasil.
- 90 — ALFREDO ELLES JUNIOR: A Evolução da Economia Paulista e suas Causas.
- 91 — ORLANDO M. CARVALHO: O Rio do Unidade Nacional: O São Francisco. — Edição illustrada.
- 92 — ALMIRANTE ANTONIO ALVES CAMARA: Ensaio Sobre as Construções Navas Indigenas do Brasil — 2.ª edição illustrada.
- 93 — SERAPHIM LEITE: Paginas da Historia do Brasil.
- 94 — SALOMÃO DE VASCONCELLOS: O Fico — Minas e os Mineiros da Independencia — Edição illustrada.
- 95 — LEITE AGASSIZ E ELIZABETH CARY ADAMS: Viagem no Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgard Susskind de Mendonça — Edição illustrada.
- 96 — OSORIO DA ROCHA DINIZ: A Politica que convém ao Brasil.
- 97 — LIMA FROEIREDO: Oeste Paranaense — Edição illustrada.
- 98 — FERNANDO DE ALVEIDO: A Educação Publica em São Paulo — Problemas e discussões (Inquirito para "O Estado do S. Paulo" em 1926).
- 99 — C. DE MELLO-LEITÃO: A Biologia no Brasil.
- 100 e 100-A — ROBERTO SIMONSEN: Historia Economica do Brasil. — 2 vols.
- 101 — HERBERT BALDES: Ensaio de Ethnologia Brasileira — Prefacio de Affonso de E. Toussay. — Ed. illustrada.
- 102 — S. PRÓES ABREU: A riqueza mineral do Brasil. — Edição illustrada.
- 103 — SOCRA CARNEIRO: Mitos Africanos no Brasil — Edição illustrada.
- 104 — ARACIO LIMA — Amazonia — A Terra e o Homem.
- 105 — A. C. TAVARES BASTOS: A Provincia — 2.ª edição.
- 106 — A. C. TAVARES BASTOS: O Vale do Amazonas — 2.ª edição.
- 107 — LUIZ DA CAMARA CASCAEDO: O Marquez do Olinha e seu tempo (1793-1870) — Edição illustrada.
- 108 — PAURE ANTONIO VIEIRA: Por Brasil e Portugal — Sermões commentados por Pedro Calmon.
- 109 — GEORGES HAEDERS: D. Pedro II e o Conde de Gubineau (Correspondencia inedita).
- 110 — NINA RODRIGUES: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afranio Peixoto.
- 111 — WASHINGTON LUIZ: Capitania do São Paulo — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.ª edição.
- 112 — ESTEVÃO PINTO: Os Indigenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indigenas do nordeste brasileiro).
- 113 — GASTÃO CRUZ: A Amazonia que eu Vi — Ubidos — Tumucumaque — Prefacio de Roquette-Pinto — Illustrado — 2.ª edição.
- 114 — CARLOS SUSEKIND DE MENDONÇA: Syleio Romero — Sua Formação Intellectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliographica — Ed. illustrada.
- 115 — A. C. TAVARES BASTOS: Cartas do Solitario — 3.ª edição.
- 116 — AGENOR AGOSTO DE MIRANOA Estudos Pishyeneses — Ed. illustrada.

117 — GABRIEL SOARES DE SOUZA: Tratado Descritivo do Brasil em 1537 — Commentarios do Francisco Adolpho Varnhagen — 3.ª Edição.

118 — VON SPIX e VON MARTENS: Atravéz da Balda — Excertos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.

119 — SUP MENEZES: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Gama — Ed. ill.

120 — PEDRO CALMON: O Rei Philisopino — Vida de D. Pedro II.

121 — PRIMITIVO MOACYR: A Instrução e o Imperio (Subsídios para a Historia da Educação no Brasil) — Volume 3.ª — 1854-1869

122 — FERNANDO SADOYA DE MEDEIROS: A Libertação da Navegação do Amazonas — Relações entre o Imperio e os Estados Unidos da America.

123 — HERMANN WIESEN: O Domínio Colonial Hollandez no Brasil — Um Capitulo da Historia Colonial do Seculo XVII — Tradução do Pedro Celso Uchida Cavalcanti.

124 — LUIZ NORTON: A Corte do Portugal no Brasil — Notas, documentos diplomaticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição illustrada.

125 — JOÃO DONNAS FILHO: O Pedrao e a Igreja Brasileira.

126 e 126-A — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes — em dois tomos — Edição illustrada — Trad. e notas de Cláudio Hübner de Lencx.

127 — ENESTO ENCKE: As Guerras nos Palmares (Subsídios para a sua historia) 1687-1700 — 1.ª Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Tropa Negra" Prefacio de Affonso de E. Taunay.

128 e 128-A — ALMIRANTE COSTÓDIO JOSÉ DE MELLO: O Governo Provisorio e a Revolução de 1693 — 1.ª Volume em dois tomos.

129 — AFRANTO PEIXOTO: Clima e Saude — Introdução Bio-geographica & Civilização Brasileira.

130 — MAJOR FREDERICO RONDON: Na Rondania Occidental — Ed. illustrada.

131 — HILDEBRANDO ACCIOLY: Limites do Brasil — A Fronteira com o Paraguay — Edição illustrada com 5 mappas fora do texto.

132 — SEBASTIÃO PAGANO: O Conde dos Arcos e a Revolução de 1617 — Edição illustrada.

133 — HEYRON LYRA: Historia do Dom Pedro II — Vol. 1.ª "Ascensão" — 1820-1870 — Edição illustrada.

134 — PANDÉ CALOGERAS: Geologia Economica do Brasil — (As Minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.ª — Distribuição geographica dos depositos auríferos. — Edição refundida e actualizada por Djalma Guimarães.

135 — ALBERTO PIZARRO JACODINA: Dias Carneiro — (O Conservador) — Edição illustrada.

136 — CARLOS PONTES: Tavares Bastos — (Aureliano Candido) 1839-1875.

137 — ANIBAL MATTOS: Prehistoria Brasileira — Varios Estudos — Ed. ill.

138 — GERVÁO DEOD: Descrição dos Rios Paranhylha e Gurupy — Prefacio e notas do Gustavo Barroca — Ed. ill.

139 — ANTONSE COSTA: Migrações e Cultura Indigena — Ensaio da archéologia e ethnologia do Brasil — Edição illustrada.

140 — HERNES LIMA: Tobias Barreto — A Época e o Homem — Ed. illustr.

141 — OLIVEIRA VIANNA: O Idealismo da Constituição — 2.ª edição augmentada.

142 — FRANCISCO VENANCIO FILHO: Euclides da Cunha e seus Amigos — Edição illustrada.

143 — BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES: O Visconde de Albaté — Ed. illustr.

144 — V. CORRÊA FILHO: Alexandre Henriques — Vida e Obra do grande naturalista brasileiro. Ed. illustrada.

145 — SILVEIRA NETTO: Do Guryty aos Saltos do Iguaçu — 2.ª edição. Illustr.

146 — AURELIO PINES: Hojeira e fatos de meu tempo.

147 — PRIMITIVO MOACYR: A Instrução e as provincias (Subsídios para a Historia da Educação no Brasil) — 1.ª Tomo: Das Amazonas ás Alagoas.

148 — ANIBAL MATTOS: Peter W. Lund no Brasil — Problemas de Paleontologia Brasileira. Edição illustrada.

149 — ALVARO VALLADÃO: Da redacção & maioridade 1822-1843 — 2.ª ed.



DO GUAIRÁ  
AOS  
SALTOS DO IGUASSÚ

## OBRAS DO MESMO AUTOR

### PUBLICADAS:

- Pela consciência* — opusculo — 1898.  
*Antonio Nobre* — elegia, com ilustrações do autor — 1900.  
*Luar de Inverno* — versos — 1901.  
*Brasília Híbera* — elegia, com música do maestro Léo Kessler — 1913.  
*Da Guatrá aos Saltos do Iguassú* — viagem, ilustrada — 1914.  
*Ronda Crepuscular* — poemas — 1923.  
*Cruz e Souza* — ensaio — 1924.  
*O Bandeirante* — poema lírico da ópera de Assis Republicano — 1927.  
*O Paraná* — discurso em 19 de dezembro de 1936 — edição da *Prata de Casa*, Curitiba.

### A PUBLICAR:

- De letras e belas artes* — estudos de arte e literatura.  
*Fronde ao Sol* — versos.  
*Margens do Nhundiaquara* — poema.  
*Do Atlântico aos Planaltos* — impressões do Paraná.



Salto Iguassú.

SILVEIRA NETTO

★

DO GUAIRÁ  
AOS  
SALTOS DO IGUASSÚ

2.ª EDIÇÃO



COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
SÃO PAULO — RIO — RECIFE — PORTO ALEGRE

1939





## INDICE

---

Primeiras linhas . . . . .	17
A fronteira oeste . . . . .	21
A viagem por terra . . . . .	27
Por água . . . . .	33
A região . . . . .	41
A cidade de Iguassú . . . . .	45
Histórico da Colonia . . . . .	51
Outros aspéctos . . . . .	63
Recordações . . . . .	75
A madeira. . . . .	87
O mate. . . . .	99
Sete-Quédas, ou Guairá . . . . .	109
A Republica del Guairá . . . . .	121
Os Saltos do Iguassú . . . . .	141
Lenda de Naipir . . . . .	155
O Parque Nacional . . . . .	161
As grandes cachoeiras . . . . .	179



AO ESTADO DO PARANÁ

*Porque não ha paisagem mais amada  
do que a da terra que nos viu nascer.*



*A' minha mulher*

AMELIA ALCANTARA DA SILVEIRA

*Valorosa companheira  
de viagem.*



# PÓRTICO



## Primeiras linhas

Em Agosto de 1910, a convite de Nestor Victor que reunira brilhante grupo de intelectuais para uma série de conferencias públicas na Capital do Brasil e em que havia proposito de serem versados assuntos de real importancia literaria ou não, apresentei-me ao público, em o Salão da Associação dos Empregados no Comercio, onde também se fizeram ouvir àquele grande espirito de poeta e pensador, e mais José Vieira, Colatino Barroso, J. Brito e Ernesto de Oliveira. Tomou a série de conferencias o nome de *Sabados literários*, e em cada sabado Nestor Victor publicava no "País", o grande organ da imprensa carioca, extensa nota sobre o orador do dia.

O meu assunto foram os *Saltos do Iguassú*, do longínquo pouso brasileiro, que era ainda a *Colônia Militar da Fôz do Iguassú*, hoje a cidade de Iguassú. Árido assunto, parecia falto de elementos estéticos, julgava-se, para entreter um auditório se-lêto por uma hora ou mais.

Feliz, entretanto, foi o orador ao vêr que o assunto grangeára aplausos, fizera o auditório vibrar na percepção de alguma cousa de novo, ao ouvi-lo.

E novidade havia realmente para quasi o total daquela assistencia: era a revelação das maravilhas do *Iguassú* e das *Sête-Quédas*, cachoeiras imponen-

tes, as maiores do mundo e nossas, e dentro do Brasil que só tem ouvido falar mais comumente na de *Paulo Afonso*; e nas fronteiras do Paraná, o pequeno Estado sulista.

E não era que o orador fosse o Pedro Alvares desse novo mundo de encanto e de assombro, era apenas um dos que vieram contar maravilhados a beleza de que puderam ser espectadores naquela enorme distancia, de áspera jornada, onde clamam em abandono as cachoeiras magnificas, mau grado pioneiros ou poetas, que ao estudo apaixonado e longo daquelas regiões deram bons anos de trabalho, levados pela noção do dever ou pelo encanto da beleza natural.

E' que para termos o *novo*, como ansiava Baudelaire, basta perscrutarmos com amor e decisão a grandeza do Brasil.

No dia seguinte o jornal *A Imprensa*, onde pontificava a pena de Alcindo Guanabara, publicava um resumo da conferencia, e a *Noticia* em crónica diaria, entre outras fidalgas referencias: "Foi uma conferencia muito interessante a do Sr. Silveira Netto, embora o tema não promettesse. Não prometia — é bom acentuar — para os que não conheciam as famosas cachoeiras, mas o poeta que as viu e que as sentiu em toda a sua grandiosa beleza, soube transmitir à assistencia toda a impressão de grandeza e de bello, de que ficou possuido.

A *Gazeta da Tarde* acrescentava: "Foi o pantheista que, depois de contemplar e cantar magnificamente a natureza maravilhosa de sua terra, julgou que seu povo deve não só amá-la como uma incomparavel beleza, mas usar os grandes recursos que ella oferece ao progresso".

Vendo acolhidas sob tão lisonjeiros auspícios pelo público as minhas impressões daquela região feraz e linda, resolvi-me a desenvolver melhor o trabalho feito e prepará-lo para a publicação em volume.

Antes de tal conseguir me foi dado apresentar novamente em público esse estudo, a 11 de julho de 1912, mas dessa vez em Curitiba, a formosa Capital do Paraná, e sob duas elevadas e simpáticas vantagens: a conferencia fôra ilustrada com projeções luminosas de 40 vistas fotográficas apanhadas pelo engenheiro patricio Aristides de Oliveira, que por lá deliciára também os olhos admirados ante a magnificência natural do recanto brasileiro, fixando na placa fotográfica aspéctos e modalidades da região. A outra vantagem e de rara grandeza mora: era que o produto colhido seria em prôl do levantamento da estátua em Curitiba ao extraordinário Chanceler Barão do Rio Branco, vitorioso negociador da questão das Missões com a República Argentina. Fizera-se este festival sob os auspícios do Presidente do Paraná, Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, organizado pelo heroico João Gualberto de Sá, então presidente da Comissão glorificadora de Rio Branco, e mais tarde sacrificado pela sanha dos fanáticos de Irani, a quem fôra combater como coronel comandante da fôrça pública do Estado.

Ampliadas com vasto número de detalhes foram taes conferencias impressas em volume por conta do Govêrno Paranaense, do qual chefiava a pasta da Agricultura o notável ciêntista conterrâneo Dr. Ernesto Luiz de Oliveira, que promoveu tal publicação. E' a gênese do livro.



## A fronteira oeste

A região do *Alto Paraná*, como é geralmente chamada, compreende o território que vai da nossa fronteira com a República Argentina, delimitada pelo rio Iguassú na parte onde se erguem as famosas cachoeiras desse nome, ás fronteiras com a República do Paraguai e de Mato-Grosso.

O *Paraná* é o quinto rio do mundo com os seus 4.390 quilometros de extensão, dos quais 1.871 passam no territorio brasileiro, segundo o notavel engenheiro André Rebouças e o venerando geógrafo Barão Homem de Melo. Já constituído, dá-lo o sabio Reclus, quando recebe no planalto de Minas Geraes o seu poderoso afluente *Rio Grande*, vindo da serra da Mantiqueira, com este o *Paraíba* mais se avoluma e, após o longo percurso que o assinala, vai como colosso do norte desaguar no Atlântico, formando o estuario do Prata, cujo sistema hidrográfico, dá-lo ainda Reclus, per-

tence pela massa de águas mais ao Brasil que nos territorios hispano-americanos, correspondendo o *Paraná* ao *Missouri* da América Setentrional. O Dr. Honorio de Souza Silvestre, erudito catedrático do Colégio Pedro II, escreve: "A agigantada bacia hidrográfica do rio *Paraná* é constituída por notavel conjunto de cursos potamicos de grandes dimensões que se espalham pelos territorios mineiro, goiano, mato-grossense, paranaense e paulista. Os limites da grandiosa bacia sul americana estão, evidentemente, determinados pelas regiões que a extremam dos rios orientaes e cursos hídricos da bacia do rio *Paraguai*.

Fluindo o rio *Paraná* do seio das terras do planalto em procura do estuário

---

"Em tupi, dialéto do Guarani, *Paraná* significa *mar*. Aplicado aos cursos d'água tem-se pretendido que esse vocábulo queria dizer: *rio semelhante ao mar*, e esta etimologia seria aceita se ella sómente designasse o rio em questão. Rios, porém, de maior importancia têm o mesmo nome, como já vimos, e o vocábulo *paraná* entra na composição do nome de grande número de cursos d'água muito modestos relativamente. E, depois, como os índios do Brasil poderiam ter a idéia de procurar comparações com o mar, que elles sem duvida não conheciam?

A verdadeira significação de *paraná* será pois, a meu vêr, *grande massa d'agua*, comparativamente, está visto, aos rios visinhos: o que explica o facto de designar, só ou em composição, rios de importancia muito diversa".

(Dr. J. S. da Fonseca — *Viagem ao redor do Brasil*).

amplo do rio da Prata, é bem de vêr que através de todo o curso, mórmente em face do território matogrossense, apresente alguns saltos e cachoeiras como os do *Urubupungá* e das *Sete Quédas*, que marcam os trechos navegáveis. Nestes pontos que assignalam os desnivelamentos das terras da área do planalto, aparecem formidáveis diques e paredões de rochas preecretácicas que gisam os pontos de soluções de continuidade superficial entre os terrenos da mesma natureza de ambas as margens". (Esboço descritivo das bacias hidrográficas do Amazonas e do Prata — Rio de Janeiro — 1923).

Na zona de que tratamos, o rio tem o canal consideravelmente profundo para o lado da costa paraguaia; no lado brasileiro, quando em águas baixas, o leito chega a ficar em seco, expondo á luz meridiana extensos lageados escuros e enormes blócos de rocha consistente, arredondados ou planos, de vivas arestas no contorno, ou criados de orificios, como esponjas petrificadas.

Alvas e longas faixas de areia fina debriam voltas e enseadas do rio, e com frequencia anoitecem clareando secas e fôfas para amanhecerem mergulhadas, tão in-

constante é ali o nível das águas. O rio *Iguassú*, já o disse, é todo paranaense, formando riachos e rios menores que banham a capital do Estado, corta de léste a oeste o território paranaense, recebendo inúmeros tributários, e é navegado por pequenos vapores e lanchas do *Porto Amazonas a União da Vitória*, aquele apenas um logarejo, esta uma cidade fundada e impulsionada pelo Coronel Amazonas Marcondes. Era o *Porto União da Vitória*, abrangendo o território da hoje cidade de *Maíra*, pertencente ao Estado de Santa Catarina, e que resultou da divisão pelo acordo entre os dois Estados limitrofes. O rio *Iguassú* corre na extensão de 360.300 metros, com a margem esquerda nesse longo trecho enriquecida de florescentes localidades, como a fértil e progressista cidade de *S. Mathheus*, vilas, colonias e povoados, cheios de vida, onde o sulco vitalizador do arado coilha de sementes, como de glóbulos vermelhos, a arteria do organismo sadio.

Turbilhona, após, nos saltos do *Caicanga e Vitória*, para além debater-se em corredores e voltas insuperaveis à navegação, e elevar-se afinal na olímpica nevrose das grandes cachoeiras, para desaguar no *Paraná*, oferecendo o primeiro copo d'água



fresca e hospitaleira ao *toast* do viajero que da outra banda aporta à sua barra.

Aí êle se acha aos 250°, 35', 5" de lat. sul e 11°, 25' 6" de long. oeste do Rio de Janeiro.

*Iguassú*, ou *Uguazu*, como dizem os hespanhóes, tem-se traduzido pela expressão *rio Grande*, sabido que o nosso adjetivo corresponde ao vocábulo guaraní *Guassú*.

O escritor argentino F. de Basaldua aventá sobre a etimologia de *U-guazu* esta questão: "La etimologia, que a nuestro juicio, corresponde a este rio — cuya característica son sus grandiosas cataratas — es la voz guaraní que expresa estas idéias: *ûgau* significa catarata, *I-guazu* significa *grande*, de manera que *Ugau-ugasu*, contrahido ahora por el uso en *Uguazu*, que significa *grandes cataratas*, expresa exactamente el admirable quadro que los indígenas contemplaron, nombrando-lo com las voces que lo describen gráficamente en su idioma guaraní".

Domingos Nascimento, o brilhante escritor de *Pela Fronteira*, afirma: "Nem outro Estado brasileiro, como nação alguma, poderá orgulhar-se de possuir um curso fluvial capaz de atravessá-lo lado a lado, dando-lhe nascente e foz, como o Estado

paranaense, com relação ao seu mais povoado e legítimo rio, qual é por certo o Iguassú.

Da sua nascente ao mar dista apenas um pequeno espaço de léguas, que é o cordão da cordilheira com os seus contrafortes. O Iguassú corre de léste a oeste entre os 25° e 26° paralelos, descaindo apenas de alguns minutos para o sudoeste, entre os portos Amazonas e União da Vitória, para aproveitar as depressões formadas pelo talude que vaé da Serrinha à serra da Esperança, n'um percurso de 54 léguas.

Daí em deante, com pequenas alternativas, segue o seu rumo natural de léste até precipitar-se no rio Paraná.”

## A viagem por terra

A cidade de Iguassú, que é ali o centro populoso e administrativo da zona, acha-se a 376 quilometros de Curitiba, a Capital do Estado, acessiveis a viagem de automovel até a cidade de Guarapuava que ficará brevemente ligada por linha férrea à cidade de Ponta Grossa. Tal distancia percorre os três planaltos de serra acima, no Paraná: da *Serra do Mar*, que os separa do litoral maritimo, dominando os campos de Curitiba, o da *Serrinha*, com os *Campos Geraes*, e o da *Serra da Esperança*, com os *Campos de Guarapuava*.

O sólo do Estado do Paraná, diz o venerando geógrafo Barão Homem de Mello (*Atlas do Brasil*), divide-se em três zonas distintas: 1ª. — a do litoral, entre o oceano e a *Serra do Mar*, em uma largura que varia de 20 a 50 quilometros. 2ª. — a *Chapada*, do alto da *Serra do Mar*, até ás declividades que descem para o *Paraná*, na altitude geral de 800 a 1.000 metros. 3ª. —

Região deprimida do vale do *Paraná*, na altitude geral de 250 a 400 metros.

Na parte alta assinalam-se três zonas bem distintas, que correspondem a outras tantas regiões geográficas: os campos de Curitiba, formados de rochas cristalinas metamórficas, que aí constituem a *Serra do Mar*, e vão até a raiz da *Serrinha*; os Campos Geraes, constituídos de rochas sedimentárias do periodo devoneano e carbonífero, estendendo-se do alto da *Serrinha* para W; e, finalmente, os Campos de Guarapuava, formados pelas extensas camadas de rochas trapeanas, assinaladas pelo professor Hart.

Estas zonas, segundo a autorisada opinião do Dr. F. A. Monteiro Tourinho, não constituem outros tantos planaltos ou degraus, como têm pretendido alguns geógrafos.

A viagem por terra é alegre, bôla e sadia. Linha férrea de Curitiba a Ponta Grossa; esta, formosa e próspera cidade, a segunda do *Paraná*, edificada sobre uma colina, de longas perspectivas de campos e serras azues, daí a Guarapuava, já em grande parte por estrada de ferro e bôa rodovia em seguida, percorrendo-se os

*Campos Geraes* que Saint-Hilaire denominava o paraíso do Brasil: vasto oceano de verdura.

O Dr. Monteiro Tourinho, que conheceu bem os planaltos do Paraná, era engenheiro militar, nascido no Rio de Janeiro em 8 de Agosto de 1837, e falecido em Curitiba, onde viveu, a 22 de Maio de 1885. O Paraná deve-lhe importantes serviços profissionais e exemplos de elevação moral. Aí constituiu família, sendo seus filhos os ilústres militares general Mario Tourinho, ex-interventor no Estado, e coronel Plínio Tourinho, chefe da rebelião de 5 de Outubro de 1930. Era capitão do Estado Maior de 1.<sup>a</sup> classe e cavaleiro da ordem de S. Bento de Aviz.

E' alguma cousa de grande e indeseritivel essa vastidão de esmeralda, cintilando de orvalhos ao romper d'alva e de brilhos de sól durante o dia, entre touças verdejantes e floridas; a araucaria esbelta e varonil demandando o espaço com alturas surpreendentes, em troneos que excedem por vezes ao abarco de quatro homens.

Taes campos (lê-se no *Relatório da Comissão Científica á Provincia do Paraná*, citado pelo Dr. Sebastião Paraná

despertam inediatamente a atenção de qualquer naturalista pela sua configuração especial em planícies mais ou menos irregularmente niveladas, contrastando com as serras de ordinário empinadas que as rodeiam e limitam.

De distancia em distancia destaca-se o bólo verde florescente da campina acidentada, um arquipélago verde escuro formado de maciços de pinheiros do Brasil, seculares e gigantescos, ou então por grandes *toucciras* de Cordias, Velosias, etc; sua vegetação é mais variada nas margens tortuosas dos rios e ribeirões tributários das grandes arterias que dão vida áquelas paragens.”

E para além, depois do pinbeiral estático e solemne, é o Mate, o *ilex paranaensis*, de copadas arvores a ramalharem ao vento como um hino verde, em pleno éter, à magnificência do reino vegetal.

Um prodígio de beleza e extensão de que se não póde calcular o efeito desde que o olhar não se tenha espraiado, extático e sedento, por aquele vasto plano.

As trinta léguas restantes, para a séde da ex-colônia da Fóz do Iguassú, de-

correm n'uma paragem vincada de rios avolumada de serras; em pleno sertão, no emaranhado verde e amplo da floresta, onde a audácia e a ciência da engenharia militar brasileira cortaram veredas para a ligação telegráfica da fronteira e prosseguimento do caminho estratégico.

“Do alto da Serra da Esperança, escreveu a pena vibrante de Julio Pernetta, se descortinou aos meus olhos o panorama extraordinariamente magno do sertão. Gustavo Doré teria dado ao mundo a téla mais rica se tivesse conhecido este pedaço do território brasileiro que assombra pela magestade solenne de sua exuberancia”.

E' uma longa travessia por logares que só admitem o passo do animal e meticoloso cuidado em evitar o resvalo no abismo; deserto de habitações; a mata e a solidão em meio de uma flóra requintada em exuberância e coloridos; e uma fauna variada e rica, do inséto ao passaro; do batráquio dando alma aos charcos, ao tigre indomável corporisando o pavor da mata.

O pouso é feito em abarracamentos, á orla dos caminhos, com fogueiras à noite e armas de prontidão, embora com frequência senhóras e crianças, de familias militares e de funcionários da Fazenda fe-

deral, hajam varado a *selva selvaggia* sem mãos incidentes, dando assim a prova da fortaleza e dedicação da mulher brasileira.

Atualmente essas dificuldades de caminho estão removidas pela bôa rodovia que liga as 67 léguas de distancia entre Guaruapuava e Fóz do Iguassú.



## Por água

(A minha viagem)

Esta se fazia descendo ao Rio Grande do Sul e proseguindo via *Montevideo, Buenos Aires, Rosario, Corrientes e Posadas*, as quatro ultimas na República Argentina; e daí subindo o rio Paraná até o porto de Iguassú. Faz-se também, parte por terra, seguindo de Curitiba a Ponta Grossa pela E. F. do Paraná; daí pela S. Paulo-Rio Grande até Libres no Uruguai e Posadas na Argentina, para subir o Paraná.

Foi por água que aportei a então colonia militar da Fóz do Iguassú em 1905, com a missão de instalar a Mesa de Rendas do Ministerio da Fazenda naquella paragem meio deserta, o que se realisou a 19 de Abril dêsse ano.

Acompanhavam-me a familia e o meu colega de função Benedito Nicolau dos Santos, escritor e musicista, hoje autor célebre da monumental *Sonometria*, obra de técnica e filosofia musical.

De Curitiba desce-se a majestosa linha férrea para o litoral marítimo, pela cordilheira da *Serra do Mar* que dali visa o Atlântico a mais de 800 metros de altura, firme e abrutada como um assombro que estatelou; a linha férrea que se torna, dá-lo Nestor Victor no seu vasto escorço do Paraná — a *Terra do Futuro*, — cada vez mais famosa, e seu nome crescerá com o tempo, quanto mais avulte a corrente de *touristes* que venham de toda parte do mundo testemunhar a incomparável maravilha panorâmica que ela proporciona e ao mesmo tempo o milagre de arte que representa.

Passa-se pela cidade de Morretes que foi o antigo empório comercial e industrial do Paraná, onde o mate, a aguardente, o açúcar, ali fabricados em grande escala; a lavoura, o comércio movimentado por ser a cidade dos morros, onde o Marumbí assinala a culminancia do sistema orográfico paranaense, a passagem obrigada de todo viandante do litoral para o interior e vice-versa, e o meio social muito desenvolvido para o tempo, imprimiam ao logar um todo promissor, de grandes esperanças futuras; mas que a passagem da linha férrea, encurtando a distancia e neutralizando a

necessidade do transito de veículos e da parada por ali, desfez, abatendo àquele surto magnifico de que narra a sua história e canta o hino Morretense:

*E o dirá nosso amor, em cadência,  
Dos valados aos montes soberbos,  
Como um eco da antiga opulencia  
Florescendo nos dias acerbos.*

Terra em que Antonio Vieira dos Santos ha mais de um século escreveu a primeira cronica paranaense e onde ha mais de 50 anos viveu e tem seu túmulo o nosso mais antigo bardo, Fernando Amaro, o marco primeiro da tão brilhante corrente literária do Paraná; berço que se orgulha do nome illustre de Rocha Pombo, o historiador notavel da nossa Patria, e mais de José Moraes e tantos outros de gerações mais novas que hão engrandecido a nossa intellectualidade, como poetas, prosadores e artistas da plastica. Proseguindo na linha férrea chega-se a Paranaguá, a historica e heróica cidade litorânea, antiga tábua dos Carijós e valoroso reduto na marinha das campanhas emancipadoras do Paraná, e berço dos precusores da poesia paranaense com Fernando Amaro e Julia

da Costa. Zarpa-se daí para o sul, demandando o Rio da Prata; e de Posadas sobe-se ao porto de Iguassú em navios argentinos ou paraguaios.

Esse era o antigo meio de evitar a trabalhosa e lenta viagem terrestre. A tanto nos levára o abandono á vida e ao destino de regiões ferazes como as de Matto-Grosso e as da Fóz do Iguassú, com fronteiras do maior interêsse estratégico.

Aparte os aspéctos platinos, luxuosos e por vezes monótonos, mas sempre emoldurados em fino ar de civilisação, porque êles não importam aos designios deste trabalho, digamos alguma cousa mais sobre a viagem; rio acima é confortável e deliciosa, livre do balanço do mar e jovialmente repontada de alegres e pitorescos incidentes.

Ora é numeroso enxame de borboletas que se ala da praia úmida, em nuvem multicôr e de extensão a encobrir um homem; ora são os jacarés em fila sobre o comoro de areia, expondo ao sól o dorso grosseiro e rijo, e mergulhando pesadamente ao disparo de uma arma de caça; renques de palmeiras por léguas e léguas à margem do rio; praias que se esvaem, na ilusão da perspectiva, qual a miragem nos desertos;

ou uma arvore inteiramente copada de garças que levantam o vôo em bando, n'uma esteira irregular e movediça de asas brancas, ou portos borborigando na azáfama dos carregadores; nuances de uma nova estesia. caprichos naturais, elevando o nosso espirito em elances de inspiração bem mais original que a da super-civilização das nossas avenidas.

E quando já saudosos de ares pátrios; fartos de hábitos diferentes e de ouvir outro idioma, que não o nosso, aportamos, então, pela madrugada á barra do *Iguassú*.

A emoção do reencontro com o país natal é completa; a barra do *Iguassú* nos oferece água límpida e com ela saudamos a entrada em dominios nacionais.

A água do rio *Paraná* é turva e barrenta, e o contraste com a do *Iguassú*, mais avulta nesse ponto em que este deságua naquêle, distinguindo-se claramente a linha divisória do elemento liquido, como se dá com o *Araguaá* ao desaguar no *Tocantins*.

A chegada à fóz do *Iguassú* é de particular contento para o filho das plagas paranaenses, porque esse rio que na fóz determina uma divisa do Brasil com a República Argentina, é integralmente paranaense. Aí estamos no vértice do ângulo

formado pelo rio Paraná e seu afluente *Iguassú*, delimitando dêsse lado a região brasileira fronteiriça.

O *Iguassú* tem na barra 400 a 450 metros de largura, por 600 m. de fundo no canal.

A confluencia dos dois rios estabelece uma notável e original feição geográfica nêsse ponto, pela coincidência rara e simpática de reunir as três costas limitrofes: brasileira, argentina e paraguáia, fronteiras uma das outras, separadas unicamente por aquelas águas internacionaes.

A costa brasileira corre á margem esquerda do Paraná e á direita do *Iguassú*; a argentina à esquerda dêste; e a paraguáia à direita daquele, caracterizadas por altas barrancas cobertas de compacta vegetação; com especial destaque a margem paraguáia que se ergue em maior extensão fronteira à nossa, como formidável muralha de arvoredos, reverdecendo pela rocha acima.

Mais cinco quilometros de marcha pelas águas do *Paraná* e galgamos a séde administrativa da ex-Colônia do *Iguassú*.

Essa a viagem por água, que tem maior esplendor no seu paorama á passagem pelo Rio da Prata que pela massa

de água lançada no Atlântico, A. Humboldt põe em dúvida qual dos três é o maior da América meridional: esse, o Orenoco e o Amazonas; sendo que o Rio da Prata “é o que apresenta maior embocadura, pois não tem menos de trinta e oito léguas de largura no sitio em que deságua no mar. Mas, á similhaça dos rios da Gran Bretanha, não mostra comprimento proporcionado”.





## A região

A zona que formava a antiga colonia militar do Iguassú, impròpriamente denominada muitas vêzes por *alto Paraná*, e onde a nova cidade paranaense, do *Iguassú*, é determinada na fronteira Oeste pelo rio *Paraná*, que a separa da costa paraguáia, da fóz do *Iguassú* à altura dos saltos das *Sête Quedas*, ou *Guairá*, na extensão de 30 léguas; e ao Sudoeste pelo rio *Iguassú*, da sua fóz no *Paraná* ao *Santo Antonio*, seu afluente, que o limita com a República Argentina.

(O rio *Paraná*, que deu o nome ao Estado, de cujo território é parte esse longinquo e fértil recanto brasileiro, nome indigena traduzido pelo de rio largo, é o mais caudaloso; e deveria sê-lo, pois no Brasil só se lhe avanta o fabuloso *Amazonas*). E o Estado de Mato-Grosso é determinado pelo rio *Paraná*, que fórma as imensas quédas d'água do *Guairá*, ou *Sete*

*Quédas*, o maior volume líquido que se conhece a despenhar-se em catadupa. São trinta léguas de território brasileiro, tendo em orla os rios *Iguassú* e *Paraná* separando-o das duas Repúblicas limitrofes e cujas costas se encontram na fóz daquele, em ponto geográfico raro e interessante. São trinta léguas de terras de uberdade moça e fecunda, marcando uma região estratégica das mais importantes para nós.

Estamos na época do turismo e não fosse o abandono ali dominante por anos seguidos, da parte dos poderes públicos nacionais, e teríamos hoje um recanto em nosso país em nada inferior talvez ao celebrado parque norte-americano de *Yelo-Stone*, para acirrar a curiosidade e prender a atenção deslumbrada de visitantes estrangeiros, e mesmo nacionais. Atualmente a antiga colonia militar da Fóz do *Iguassú* (agrícola e pastoril, mas onde até galinhas, ovos, e produtos da pequena lavoura, tal o milho, o feijão e legumes, eram adquiridos a bordo dos navios que subiam de *Posadas*, a capital das *Missiones* argentinas. Isto ainda em 1905) é uma cidade, no limiar do progresso, apenas; mas já tem fóros de cidade e com êles conta ele-

mentos de vida material e economica bastantes para a animação da localidade. O mais, o surto verdadeiro e merecido virá sòmente quando o trem de ferro chegar às margens do Parauá, como transfusão vital de energias e de civilisação.



## *A cidade de Iguassú*

Acha-se a localidade na maior culminancia do terreno, a cem metros sobre o nivel do rio Paraná. A barranca, à margem esquerda do rio, tem mais ou menos a elevação de sessenta metros e dista cinco quilometros da fóz do Iguassú. E' um vasto perimetro já regularmente habitado, com uma rua fechada ao centro, e diversos edificios públicos e particulares. Em 1905, ao fundar-se a Mesa de Rendas Federaes, já possuia ativo comercio, com quatro estabelecimentos fortes; estação telegráfica instalada um ano depois, pequena industria de aguardente e intenso córte de madeiras e herba mate exportadas para a República Argentina.

A população nêssa época orçava em 2.000 almas.

Atualmente (1936) a população é de 1.500 habitantes na séde e 6.000 no municipio. Conta 5 edificios federaes, 2 estadaes e 244 particulares. Estradas: 180

quilometros até o rio *Tormenta*, divisa com o municipio de Guarapuava; 70Km. do entroncamento até Santa Helena; 115 de Cascavel a Porto Artaza; 6Km. da séde a Porto Aguirre; 25Km. da séde aos Saltos de Santa Maria; 18Km. da séde à Bela Vista; e 7Km. até ao rincão de S. Francisco. Possui em veículos 206 carroças de 4 rodas (toco duro); 22 alçaprenas; 9 automoveis de passageiros e 19 auto-caminhões. Indústria: 6 serrarias; uma fundição, em Guairá; 6 ferrarias, sendo uma em Guairá; 7 carpintarias, sendo 2 em Guairá; uma fábrica de moveis, duas de gelo; duas de beneficiar arroz; 2 olarias, uma em Guairá; um estaleiro completo para pequenas lanchas e embarcações miudas; 3 uzinas de eletricidade, sendo uma em Guairá, outra em Porto Francisco Mendes Gonçalves e outra em Iguassú; 4 fábricas de rapadura e 9 engenhos de aguardente. Dois grupos escolares, sendo um em Guairá, e seis escolas isoladas, todos do Estado. Gado, assim distribuido: lanígero, 100 cabeças; caprino, 30; equino, 250; cavalari, 400; suino, 2.000; bovino, 1.500. A navegação continua a ser feita por estrangeiros; a companhia argentina "Milvanovich Ltda." e a firma Pedro Nunes despacham sema-

nalmente um vapor para o trecho Fóz do Iguassú-Porto Mendes, o qual sobe o rio em 12 horas e desce em sete.

Em 1905 Domingos Nascimento, o notável escritor conterrâneo, emérito poeta e jornalista, profligava nas páginas do seu bello e patriótico livro *Pela Fronteira* esse abandono do Brasil pela navegação naquela região, dizendo: “De nosso nem uma chalana (escaler toscó, de madeira). A nossa incúria tem chegado ao ponto de entregarmos toda a exploração das nossas matas e dos nossos heruaes, toda a vida commercial desta zona aos argentinos cuja bandeira desfraldada no topo dos seus navios percorre a fronteira brasileira, livre de competidoras, isenta por muitos anos ainda de ver-se obrigada pelos códigos marítimos a descer pela driça para cumprir um navio mercante brasileiro naquelas águas.”

E a situação é inteiramente a mesma, ainda hoje.

Os últimos navios nacionaes que navegaram no *Paraná* foram a canhonheira *Fernandes Vieira*, em 1866, em viagem de exploração, chegando até o porto de Santa Thereza, a 15  $\frac{1}{2}$  léguas da Fóz do Iguassú; e em 1874, refere o Barão Homem de Mello,

a canhonheira *Taquarí*, em serviço da demarcação de limites com o Paraguai, subiu o rio Paraná até á barra do Santa Theza.

Possúe ainda a Fóz do Iguassú uma igreja matriz de alvenaria, em construção, uma capela de madeira, uma igreja de cantaria em Guairá, e quatro capelas de madeira no interior. E' séde de uma Prelazia, pertencente á Confraria do Verbo Divino; duas estações de radio pertencentes ao serviço de Radio do 5.º Regimento de Aviação, sendo uma em Guairá; linha telefonica do Govêrno Federal, da séde a Cascavel e daí a Porto Mendes; e linha telegráfica sistema "Morse" até Guarapuava; e uma agencia postal-telegráfica de 2.ª classe. E' séde de uma Companhia de Fronteira do Exercito, com efetivo de 171 homens e do Destacamento da Brigada Militar do Paraná, com efetivo de 30 homens. Séde das Delegacias de Policia Civil e Marítima, com 6 póstos policiaes em Apepi Grande, Aguirre, Ipiranga, Sete de Setembro, Sól de Maio, Britania e Porto Mendes; e sub-delegacia de policia civil em Guairá, Sta. Helena e Cascavel. Sociedades recreativas: "Oéste Paraná Club"; Sociedade Recreativa Iguassuense; "A



B. C. Foot-Ball Club", e uma sociedade recreativa em Guairá, além de dois clubs de tennis, um em Guairá. Dois cinemas, em Guairá e Iguassú.

Produção agrícola: milho, arroz, feijão, fumo, mandioca, etc. Produtos de exportação: madeiras farquejadas e roliças, fumo e herva mate: O valor da herva exportada em 1935 foi de 240:480\$000, e o da madeira, de 412:408\$700. Orçamento municipal em 1936: receita arrecadada até 31 de Maio: 26:175\$800; despêsa efetuada, no mesmo periodo: 24:552\$000.

Existe, mas sem serviço, uma delegacia da Capitania do Porto, com todo o aparelhamento de pessoal, que custou ao govêrno em 1935 a despêsa de 72:000\$000, dando de renda a quantia de seis mil e trezentos reis.

O rio Paraná tem 142 metros de profundidade máxima, com águas medias, em frente á barra do S. Francisco Falso, 86 metros em frente á cidade de Iguassú, 92 metros em Mendes; 62 metros em frente á barra do Iguassú, e 46 metros de profundidade mínima em frente a Béla Vista.

A correnteza do Paraná varia entre 8, 7 e 6, 7 quilometros por hora. Declinação magnética, para 1936: 3°, 22' 30" a W.

Latitude S-25° 38'6" Longitude 0-54° 33' 12".

A MESA DE RENDAS FEDERAIS da Fóz do Iguassú foi creada pelos decretos legislativo n.º 1209, de 30 de Julho de 1904, e executivo n.º 5.283, de 9 de Agosto do mesmo ano, e instalada a 19 de Abril de 1905 pelos funcionários do Ministerio da Fazenda Manoel Azevedo da Silveira Netto, 1.º escriptorario da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional do Paraná, como administrador, e Benedito Nicolau dos Santos, 1.º escriptorario da Alfandega de Paranaguá, como escrivão. Teve início em uma casa de madeira na barranca do rio Paraná, próxima do ponto de desembarque.

## Histórico da Colonia

A *Colonia Militar do Iguassú*, informa a Corografia do Paraná do provéto escritor patricio Dr. Sebastião Paraná, foi fundada em 1888 pelo engenheiro militar José Joaquim Firmino, que fazia parte da Comissão de Estradas Estratégicas do Paraná, dirigida pelo também engenheiro militar Belarmino Augusto de Mendonça Lobo. (1)

---

(1) -- A *Comissão Estratégica do Paraná* foi creada em 4 de Junho de 1888, com o fim de encarregar-se da fundação da colonia militar na Fóz do Iguassú, e da construção de estradas estratégicas do Paraná, explorar, a partir de Guarapuava, uma estrada na direção do Estado de Mato Grosso pelo vale do Iguassú com destino á fóz, que será ligada ao ponto terminal do traçado da estrada de Pequiri, precedendo o reconhecimento e exploração dos rios Ivinheima e Brillhante até onde se prestem à navegação por vapores de pequeno calado; explorar o mais curto varadouro entre esse ponto e aquele em que começar a navegação desimpedida do rio Miranda, de modo a estabelecer uma via mixta de comunicações interiores e seguras com o distrito militar de Miranda e a capital de Mato Grosso; ligar o porto União, no Iguassú a Guarapuava, aproveitando para o sistema de viação os trechos navegaveis do Iguassú e do Rio Negro, seu confluente, e as estradas de S. Francisco, em Sta. Catarina, da Graciosa e a via férrea do Paraná.

No dia 15 de Julho daquele ano chegou o engenheiro Firmino á Fóz do *Iguassú*; tendo atravessado muitos rios, sendo os principaes os seguintes: das *Cobras*, com 30 metros de largura; *União*, com 16; *Guaraní*, com 34; *Isolina*, com 26; *Adelaide*, com 20; *Mundéo*, com 12; *Tormenta*, com 13; *Arquimédes*, 23; *Andrada*, com 25; *Paz*, com 18; *Gonçalves Dias*, com 20; *Castro Alves*, com 12; *Tiradentes*, com 12; *Carlos Gomes*, com 13; *Concordia*, com 16; *Passo-Guê*, com 16.

Estes rios foram denominados pelo explorador, excéto o das *Cobras*. O penultimo e os dois anteriores são afluentes do *Ocoí* que faz barra no *Paraná*, cerca de 50 quilometros acima da Fóz do *Iguassú*; e o último é tributário diréto do *Paraná*.

Entre a fóz do *Ocoí* e a do *Iguassú* foram então encontrados 35 fogos habitados por 324 pessôas, sendo 188 paraguaios, 93 brasileiros, 33 argentinos, 5 francezes, 2 orientaes, 2 espanhóes e um inglez. Destes, 220 homens e 104 mulheres. Os moradores mais antigos eram Pedro Martins da Silva e o hespanhol Manoel Gonzalez, que para alí foram em 1881. Mais tarde se estabeleceram na Fóz do *Iguassú* os irmãos

Goíacachéa, que em grande escala exportavam o mate.

De 1887 em diante aquele sítio prosperou com o pessoal que se retirou das Missões Argentinas por motivo de desharmonias com o respectivo governador. Os habitantes do povoado, apesar da fertilidade das terras, dedicavam-se quasi que exclusivamente á exploração da herva mate e do córte de madeira, sofrendo com isso as matas cruel devastação.

O engenheiro Joaquim Firmino procurou coibir esse abuso executando disposições da lei de terras e proibindo o embarque de madeira já cortada.

Em certos mêses numerosas turmas vinham exclusivamente para o córte da madeira e preparo da herva em *carijo*, que era transportado em *noques* para o mercado consunidor.

Havia no ângulo dos dois maiores rios grande quantidade de taruman, monjolo, peróba, cabriuva, canjarana, guajuvira, cedro e louro, sendo preferidas as duas últimas por mais leves para a exportação em balsas.

O pessoal da Comissão de Estradas encontrou grande número de indígenas

que, convencidos das benevolas intenções dos exploradores, chegaram à fala.

“São em geral de estatura mediana, disse o chefe da Comissão aludida, em relatório de 1888, côr amarello clara, trazem os cabelos longos caídos para as costas, tendo apenas cortada uma franja pendente da testa. Os do sexo masculino têm introduzido no labio inferior, em pequeno orifício, um estilete fino de madeira, cujo comprimento varia na razão diréta das edades.

“Por esses sinais caraterísticos e pela posição de seus toldos, parece que se trata dos últimos representantes dos *cabeludos*, que o historiador indica como os antigos povoadores dos dilatados campos do lado do rio *Iguassú*, confinantes e inimigos acérrimos dos habitantes da coeva província de Tayoba, na maior parte pertencentes a nação Guaraní, dos quaes certamente adotaram o hábito da cultura da terra.

“Dão êles notícias de outros toldos a que chamam *mucureca*, uns para o lado do *Iguassú* e outros para o Nórte”.

A Colonia era, por lei, agricola e pastoril, mas a criação e o cultivo do sólo fe-raz foram por largo tempo ludibriados inteiramente; em seu nome o que havia era a cruel devastação da floresta, que, entre-

tanto, ainda perdura; o possante arvoredado, obelisco druidico da selva, abatido ás porções, impiedosamente reduzido a tóros e planchas, para flutuarem em jangadas rio abaixo, rumo do estrangeiro, em favor dos exploradores da nossa grandeza florestal.

Da mesma forma o *ilca*, a herva mate, a inesgotavel mina vegetal, que lá estende os galhos peçados ao labor do hervateiro que o aproveita honestamente, é tambem devastado sem amor e sem método pelos exploradores.

A uberidade naquella região é tal que a semente coberta na areia da praia tufasse e germina mesmo ao calor de um sól ardente. O mineral anda a ferir-nos a vista com as aréostas do quartzo branco e violeta, a luzir em fragmentos pelos caminhos. O clima é seco e salúbre; e não fosse o impaludismo, veículado pelo mosquito que aos enxames sobe do rio Paraná, principalmente na época das grandes baixas de água, impaludismo não mortal, mas violento, aniquilador das energias do corpo e do animo, como intensamente o experimentei, e a bela zona do *Iguassú* seria um sanatório perfeito. As chuvas vêm em batéguas de molhar devéras, mas não persistentes.

Dias claros e quentes, belamente iluminados numa irradiante eclosão de sóis, são comuns alí; e noites calmas de céu crivado de brilhos brancos, ou transparecendo no luar de ouro como âmbar fluido, imponderalizado pelo vasto concavo do espaço.

Luares límpidos e ermos como aquarelas de um sonho.

O inverno e o verão são extremados.

O calor mantém o estado normal de 26° a 28° C. à sombra, em dias continuados e seguidos meses e o frio baixa o termometro a zero. Mínimo 3° negativos, máxima 41° à sombra. Ao calor mormacento do verão a planta marcesse na haste; a grama, a herva rasteira, pendem ressequidas, em talo nu, e definham torradas, como se ao rescaldo de uma fomalha em braza.

No inverno a geada, rala embora, delicia-nos de quando em vez com o seu branco esmeril polar. Outros aspétos daquela zona patricia, tonalidades particulares, ancenubios do logar, embelezam a feição que lhe é própria. Pelas tardes cálidas, quem tenha a alma na meia sombra da nostalgia, sente alí acordar-se-lhe, íntimo e amado, esse mundo crepuscular da sauda-



de, ao canto monótono e prolongado das cigarras na costa paraguáia.

Essas cigarras são maiores, mais do duplo, que as do interior do Estado, e não estridulam, mas entoam o seu canto em demorado som grave, harmonizando com a evocativa meia tinta do sól-pôr e sumindo-se com éco perdido no recondito selvagem da floresta.

Na época do frio noites ha em que a cerração, em névoa espessa de tons de gaze, misteriosa ao elarão do luar, invade completamente a zona, compacta, incomensurável blóco vaporoso, de forma a obstar em absoluto a visão do mais arguto olhar. E pela manhã seguinte, alto dia, com o sól redoirando a curva do infinito, distende-se ainda campo afóra a espessa bruma que se esvae aos poucos diluída, esgarçada em véos tenues, até a superficie das águas ao quieto fundo das barrancas, onde os últimos frócos deslisam águas abaixo, pelas 11 horas da manhã, em ligeiras felpas de véos eburneos, lindas e leves n'um macio penugamento de cisnes brancos.

De publicações feitas sobre aquella região o Dr. S. Paraná cita as seguintes importantes notas:

Encontram-se ali terrenos de aluviões, de arcia e argila, cobrindo os degraus inferiores do leito dos grandes rios, abaixo dos últimos saltos, leito este quasi que inteiramente de uma formação denominada *guaranitica*, em dois degraus de cada margem, sendo os inferiores de altura prodigiosa para poderem formar a profundidade de 100 a 200 metros que tem geralmente o rio Paraná. Esta formação de rocha, pela grande variedade de aspéctos que tem, conglomerações vulcanicas em uns pontos e detritos rolados por grandes abalos em outros — porá o geógrafo na impossibilidade de afirmar á primeira vista se houve ali um afastamento subterraneo ou antes uma submersão, como parece mais provavel no leito do Iguassú até os Saltos de Santa Maria, os quais se despenham por paredões a prumo e socavados mesmo no centro do rio e de encontro ás barrancas brasileiras, também a prumo, sem que, entretanto, se note modificação do nível nos planos superiores de uma e outra margem.

Nas proximidades da água dos rios a temperatura é quasi sempre muito elevada; mas depois da arcia e argila das barrancas, cuja altura é de 50 a 80 metros, vem a terra vermelha, pouco pedregosa e co-

berta de uma espessa camada de humus em ambiente mais temperado e mais para o centro algumas lagoas ou mananciaes húmidos cobertos de capim, em pontos mais elevados e onde a temperatura é a menor de todo o vale.

Si se afasta do rio Paraná seis léguas a N. E. da séde da Colonia, sobe-se um ramal da Serra de Maracajú, onde já o abai-xamento de temperatura atinge quasi a de Curitiba.

“De modo que em todo o território do patrimonio da Colonia, que hade ser nunca menos de 100 léguas quadradas, encontrar-se-ão os mais variados terrenos, desde a areia pura alva e finissima, até a pura argila; húmidos ou secos, pedregosos ou não, quasi todos em planos horisontaes com escarpas nos arrôios, todos esses encachoeirados; temperaturas variando entre os extremos de 2° centígrados no inverno e 40° (rarissimas vêsces) no verão, tendo mais ou menos de média 30° nesta estação e 15° naquela; e altitude, de 50m à tona dos rios, de 100m a 200m acima das barrancas, e de 400m a 600m depois de subir a serra de Maracajú, a qual parece partir do Salto do Guairá, vir margeando o Paraná, determinando saltos nos rios S. Francisco, Jejuhi

e Ocofí e deste ponto afastar-se para S. E. até as proximidades da fóz do Santo Antonio, no Iguassú.

São, pois, dignas de estudo a crôsta e a isotérmica desses importantes e até hoje quasi abandonados e ignorados sítios, podendo-se mesmo afirmar que possuem êles mais de uma riqueza geológica e mais de um clima diferente, segundo as altitudes acima descritas.”

“Começa por chamar-se Colonia da Fóz do Iguassú, escreve o Dr. Candido Ferreira de Abreu (engenheiro, ex-senador pelo Paraná e ex-prefeito municipal de Curitiba, a quem se deve a construção do atual Paço Municipal daquela capital, feito a custa dos juroz sobre a importancia que lhe entregára o govêrno do Estado para melhoramentos do municipio, e por êle, prefeito, recolhida a um banco; exemplo de probidade e previdencia que devemos assinalar). E constitue isso um erro, prossegue, pois que da séde da Colonia à fóz do rio Iguassú medciam cinco quilometros. Erro geográfico que pertencerá necessariamente a quem foi cometida a incumbencia da fundação. Não se dirá que circunstancias locais motivaram a escolha do local, (afirmo-o também por observação própria) acrescendo que a

situação onde se acha é peor do que seria na fóz devido ás difficuldades de acesso. As ribanceiras do Paraná impedem o desembarque de volumes pesados, ao passo que esse inconveniente seria sanado se a sêde da Colonia estivesse onde seu nome indica, porque havia facilidade de abrir-se um caminho pela margem do Iguassú". (*Notas inéditas do Dr. Candido de Abreu*).

Afirma ainda o operoso engenheiro paranaense: "Desde a fundação até 1894 a Colonia tomou um certo alento; os directores e seus officiaes procuraram desenvolver-lhe os elementos de vida; e é de justiça consignar-se que o que alí existe de bom e de bem feito deve-se ás administrações desse periodo, especialmente à do saudoso capitão Edmundo de Barros e seus auxiliares. Esse periodo caracterizou-se no empenho de dar-se à Colonia uma formação de liberdade e asilo, todos trabalhavam à porfia por sua prosperidade; as construções que possui, como a casa para directoria, secretaria e alguns depósitos, pertencem a essa época, sendo de notar que a secretaria foi a primeira e a única de tijolo (das construções officiaes) não obstante possuir a Colonia uma bôa olaria.

As estradas foram até certa distancia convenientemente abertas, e o próprio capitão E. de Barros estudou e abriu uma da séde da Colonia ao rio da Paz, sendo esse traçado mais tarde abandonado por atravessar todos os afluentes do Iguassú próximos à sua confluencia e sujeitar por isso o caminho a frequentes crescimentos das águas". Esse estado de coisas, acrescentamos nós, perdurava ainda em 1905, quando fomos para ali. O depósito de madeira no alto do porto mais próximo da Fóz do Iguassú, e o plano inclinado para o movimento de duas zonas, ainda existentes em 1906, pertencem à administração do Coronel Torres Homem.

Foram diretores da Colonia Militar, entre outros, o capitão Mello Nunes, dos mais antigos, coroneis Figueiredo Rocha, Torres Homem e Pantaleão de Queiroz, capitão Antonio Rodrigues Portugal, militar de respeitaveis predicados, ahi falecido em 1910, e tenente Belem Aloyz Scherer, destacado official, hoje general reformado, major João Soares Neiva de Lima, que muito fizeram pelo desenvolvimento da localidade e boa marcha dos serviços.

## Outros aspéctos

Com rios profundos, navegaveis e piscócos, como o *Paraná e Iguassú*; terrenos ferteis para toda espécie de cultura principalmente para as de zona quente, como a cana de açúcar, a laranja, o algodão, a banana, a mandioca, etc.; uma florésta que não destoa da grandeza vegetal do Novo-Mundo, quer em madeiras de lei, quer em arvores frutíferas; desenvolvimento comercial e industrial firmado em cinco estabelecimentos comerciais e quatro industriaes, suprimdo aqueles à localidade de todo o necessario para a vida alí, da fazenda, armazém, mobílias, aos generos de primeira necessidade, e ocupando-se estes no preparo do mate e fabrico de açúcar e aguardente, para o que é alí cultivado o plantío da cana de açúcar; eis, *currente cálamó*, a ex-Colônia da Fóz do Iguassú, emancipada em 1912 do Ministério da Guerra, tornada, assim, uma povoação civil, de praça de guerra que era, e entregue aos cuidados do go-

verno estadual do Paraná que comissionou o digno e velho conhecedor das zonas paranaenses de serra acima, Coronel Luiz Cleve, para estudar na séde da colonia as necessidades e condições da nova povoação; e de crear a Coletoria de rendas estadoaes, que foram arrecadadas pela repartição federal, por convenio do Estado com o governo da União, isto desde 19 de Abril de 1905; sendo anteriormente tal serviço feito por uma repartição do Estado.

Não possúe, mesmo em rudimento, arsenal de qualquer espécie, nem flotilha, como se afirma na Geografia do Brasil de Elisé Reclus, traduzida pelo erudito Barão de Ramiz Galvão; parecendo confundir-se o autor com a povoação de *Ladario*, em Mato-Grosso, onde realmente estaciona uma flotilha brasileira e ha um arsenal de marinha.

Faço a correção mais para dizer que até hoje, naquela donairoza margem do Brasil, fronteira com duas nações; naquele rico segundo litoral paranaense, onde o piscoso dos rios, a uberdade do sólo, a opulencia das matas, clamam, ha muito, pela atenção dos altos poderes do país; até agora, aquelas águas sulcadas por diversos vapores argentinos e paraguaios, grandes e confortaveis, de 200



ou mais toneladas, afóra larchas a vapor de igual procedencia, em um percurso bem superior a vinte léguas acima do *Iguassú*, não teem ainda o vestígio da navegação nacional. Em 1905 fiz construir e estacionar no porto da ex-Colônia uma *chalana* tosea, de madeira para o serviço da *Mesa de Rendas*. Se o general Dionisio Cerqueira, o ilustrado militar diplomata, quando chefiou a Comissão demarcadora de limites com a República Argentina, não fez desfaldar nos seus escaféres a bandeira nacional, a “chalana” de que falo foi a primeira embarcação brasileira que naquelas alturas do “rio Paraná” desfaldou o pavilhão republicano do Brasil.

Não pela ambição da prioridade, mas pelo prazer da nota histórica aí deixo a questão ventilada, e que mais tarde, se merecer, não custe o trabalho de pesquisas que deu aquela outra de saber-se qual a primeira bandeira republicana arvorada no edificio da Prefeitura do Rio de Janeiro; questão solucionada, creio, sómente no ano de 1912.

A colônia que devera ter sido instalada no chapadão junto à confluencia dos dois grandes rios que a delimitam, mais alto e de maior descortino que a séde actual, está, entretanto, bem localizada.

Possúe em abrigada e profunda enseada, entre a séde e a barra do Iguassú, o melhor porto da costa brasileira até o Guairá, no rio Paraná.

Em 1910, dizia eu na conferencia pública realisada sobre os Saltos do Iguassú, no Rio de Janeiro: agora, como corolario natural do seu desenvolvimento, é necessario que emancipem a Colonia; que a entreguem ao dominio civil, sob a guarda de uma força armada para garantir-lhe a soberania de fronteira e os direitos da União à faixa de terra para a defeza nacional.

O crescimento de forças vivas sociaes, que tendem a expandir-se, será coartado pelo regimen colonial que a lei estabelece, embora directores mais sensatos o bajam amoldado à evolução irrefreável da zona. Organizada em vila e futura cidade, aquella região será um belo posto do nosso valor, engrandecido pelo estupendo marulho das duas maiores cachoeiras do mundo.

A emancipação está feita, a navegação brasileira continua em promessa... para o futuro, quem sabe, mas a linha férrea caminha, e no dia em que a locomotiva rápida e atreadora varar a solidão da floresta e enfrentar a elevada margem do correntoso rio, terá inicio a nova cidade paranaense,

em novo surto de progresso, colocada na fronteira como atalaia do valor deste nababesco país e da selvática beleza do seu Estado mais novo.

Em 1876 o engenheiro Monteiro Tourinho, estudando os traçados para uma linha férrea do Paraná a Mato Grosso, do Capitão Palm, que a queria “transcontinental, atravessando as províncias brasileiras do Paraná e Mato Grosso, a Bolívia, e a parte meridional do Perú”, em linha continua desde o Atlântico até o Pacífico e sem a intercalação da navegação dos rios; e do engenheiro William Lloyd, de Curitiba no Paraná à Miranda, em Mato Grosso, em “uma linha mixta, constando de via terrestre e de navegação nos rios Ivaí, Paraná, Ivinheima e Brilhante, escreve: “Tratando-se de levar um caminho de ferro a cortar o rio Paraná, um dos maiores do mundo, é claro que primeiramente se deve determinar o ponto mais conveniente para a passagem e, considerando-o como obrigado, indagar depois quais os afluentes, cujos vales mais facilmente conduzem a esse ponto. Da leitura que fiz de varias descrições do gigantesco Paraná, para mim tenho que a localidade, pela estreiteza do rio e conformação das barrancas, que mais se presta ao

lançamento de uma ponte, é o assombroso Salto do Guairá ou das Sete Quédas”.

A linha de Monteiro Tourinho tomaria o traçado Lloyd ao vale do Iguassú, no quilometro 79, prolongando-se por êle; buscando depois Guarapuava, cuja comarca considera essencial para ponto de passagem; procuraria as nascentes do Pequerí, descendo pelo vale desse rio até sua confluencia no Paraná, por este abaixo seguiria até ao Salto das Sete Quedas, defronte do Iguareí. Transporia o Paraná no Salto Grande, desenvolvendo-se pelo vale do Iguareí, passando para o de Xeujuí que lhe corresponde, aproximando-se do Curuguatí e contornando a serra de Maracajú, alcançaria o Ipané-guassú que acompanha até Vila Real.

O grande Rebouças, indagando onde lançar os fundamentos da estação central do primeiro caminho de ferro inter-oceânico da America Neolatina, dizia, ante os traçados geraes das grandes vias férreas que ligariam o Oceano Atlântico ao rio Paraná, abrindo à imigração os grandes planaltos de Curitiba e de Guarapuava: “Suporemos a locomotiva já no planalto de Curitiba: quer o tenha alcançado pelo vale da Ribeira ou

de Iguape, seja directamente pelos vales da Cachoeira e do Nhundiaquara, seja mesmo na extremidade Sul, por intermedio do rio Negro.

Chegando ao planalto de Curitiba a locomotiva encontrará quatro grandes linhas já traçadas pela natureza”.

E aponta: no Nôrte, o Tibagi, com a fertilidade prodigiosa de suas terras, com as povoações Palmeira, Ponta Grossa, Castro e Tibagi; com a navegação do Parapanema e do Alto Paraná, e com vantajosas comunicações internas para S. Paulo, Goiás e Mato Grosso; a Nordéste o Ivaí, com 251 quilometros navegaveis a vapor até a corredeira *Parí Coroados*; o alinhamento quasi reto com os rios Ivinheima e Brillhante; o *Terminus* em Miranda, gozando já de comunicações a vapor pelo Mondego e pelo rio Paraguai; e mais o Piquiri, com a tradição romanesca e tragica da República dos jesuitas, da *Ciudad Real*, acima das Sete Quedas, do “exodo terrivel em que pereceram milhares de catecumenos, afogados nas cachoeiras do Paraná; milhares de frio e fome nas suas florestas marginaes.

Por fim o vale do Iguassú, a que pertencem os Campos de Guarapuava, os Cam-

pos de Palmas e o Campo Erê, os mais férteis do Estado; e que de um lado dará rammas para o *Tibagi*, *Ivaí*, e *Pequirí*, e de outro lado para o *Alto Uruguái*, o famoso rio das ágatas, de calcedonias, de opalas, de jaspes, de cornalinas e de cristaes de rocha”.

“Minhas águas, faz êle o Iguassú dizer, correm quasi em linha reta de léste para oéste, formam uma estrada que caminha, no dizer de Pascal, e que convida os imigrantes para o Far-West da América do Sul.

Na minha fóz florescia outróra a cidade de Santa Maria; debalde procurarás em todo o Paraná melhor entreposto para o commercio interno. Reflete que meu vale está quasi todo situado sobre as linhas retas que ligam Antonina, Curitiba, Santa Maria de Iguassú, Vila Rica e sua capital Assunção. Atende bem a esta coincidência de latitudes geográficas:

Porto de Antonina . . . . .	25° 26'
Curitiba . . . . .	25° 25'
Palmeira . . . . .	25° 25'
Guarapuava . . . . .	25° 15'
Santa Maria do Iguassú . . . . .	25° 41'
Vila Rica do Paraguai . . . . .	25° 16'
Assunção . . . . .	25° 16'

Pelo decreto 10.432, de 9 de Novembro de 1889, a E. F. S. Paulo-Rio Grande prolongaria o ramal de Guarapuava na direção do Pequirí, por um lado, fazendo uma curva nas proximidades das *Sete-Quedas* e descendo pela margem do *Paraná* até *S. Francisco*, seu afluente, no ponto onde foi a povoação de *Ontiveiros*; e, por outro lado, seguindo o curso do rio *Iguassú*, desde o seu afluente *Jordão*, até a colonia do *Iguassú* (hoje cidade).

Nas modificações propostas pelo engenheiro Roxo de Rodrigues, em 1900, o primeiro prolongamento daquele ramal partiria de *Prudentópolis*, muito aquém de Guarapuava, iria à vila de *Terezina*, subindo após na direção do rio *Ivahí* até o *Salto das Bananeiras* e descendo a apanhar o curso do *Pequirí*, pela margem esquerda do *Goi-boré* e atravessando esse para terminar em *Ontiveiros*, margeando o *Paraná*.

Na Exposição apresentada aos acionistas da E. F. São Paulo-Rio Grande, pelo seu presidente engenheiro Antonio Roxo de Rodrigues, em 1900, lê-se à pagina 18: "Deixaram de continuar os estudos definitivos do ramal em direção à Guarapuava e aos sub-ramaes para a colonia militar do *Iguassú* na fronteira da República Argentina e

confluencia dos rios Paraná e Iguassú e sub-ramal de Guarapuava para as ruínas de Ontiveiros, na fronteira do Paraguái, visto me haver dirigido em 20 de Junho de 1895, conforme o aconselhava o Ministro da Viação, ao Congresso Nacional com o fim de modificar o traçado da estrada nos termos propostos em relatório apresentado aos srs. acionistas naquela data.

Decorreram cinco anos sem que o poder legislativo se manifestasse a respeito, ficando assim suspensa a execução dos estudos dos ramaes, dirigindo-se novamente a actual Directoria, em 17 de Fevereiro de 1900, a S. Ex. o sr. Ministro da Viação, procurando provocar a solução desse magno problema de viação internacional, pela comunicação do nosso território com as citadas repúblicas vizinhas."

O decreto do executivo, n.º 10.206, de 30 de Abril deste ano (1913), aprovou os estudos definitivos da linha de S. Francisco, no trecho entre a cidade de União da Vitória e o rio Paraná, para a Colonia do Iguassú, com a extensão de 723 km. 898, e o respectivo orçamento na importancia de 83:353\$435.

E é tudo o que se tem conseguido até hoje quanto à viação férrea para aquella localidade.



Em 1869, o engenheiro Antonio Rebouças Filho rematava a sua *Breve Notícia* sobre a exploração para uma via de comunicação com Mato Grosso, com estas palavras: "É' uma empreza de tanta magnitude e de utilidade tão transcendente essa de uma via regular para Mato Grosso pelo próprio território brasileiro, que sua inteira realisação pôde por si só fazer a glória de uma administração e dar lustre e renome a um reinado por mais que tenha sido fecundo e glorioso".

A paráfrase do trecho transcrito pôde ser aplicada ao govêrno do Paraná, com relação à Fóz do Iguassú e, já o dissemos alhures, o dia em que a locomotiva chegar a essa localidade, aproximando-a melhor do centro do Estado, será o inicio da fronteira oeste do Paraná no incalculavel desenvolvimento com que tão fértil e majestosa região brasileira deslumbrará o sul do continente.



## *Recordações*

Em Abril de 1905, após um mês de viagem, a partir de Paranaguá, e do qual mais de vinte dias passados em águas e cidades argentinas, aportamos um dia, pela madrugada, à barra do Iguassú, onde a fadiga dos transbordos e da vida em hotéis estrangeiros nos faziam ansiar pelo repouso e pela estabilidade. Aí, o pequeno vapor “Feliz Esperança”, da firma Domingos Barthe, de Posadas, fez alto e, gentilmente, por alguém da tripulação foi apanhado um copo d’água límpida para ser-nos oferecido como próva de estarmos na Fóz do Iguassú, na fronteira do nosso país. De novo em marcha, a cinco quilometros acima, defrontamos o porto de desembarque da Colonia Militar. Alta barranca interceptando a vista do lugar; uma escada de madeira descendo até a praia, era desoladora a primeira impressão que tínhamos da esperada fronteira.

A 19 desse mês instalámos a repartição fiscal, em acanhado predio de madeira à beira do rio Paraná, tal a carencia de habitações na então Colonia Militar. Mesmo de homens para os serviços rudcs da repartição era escasso o número. Ao mesmo tempo chegava à Colonia, com sua senhõra, vindos por terra, o tenente Hildebrando Segismundo de Bonoso, official competente e digno, filho de um veterano da guerra do Paraguái, como seu progenitor experimentado no ardor dos combates, pois a revolução de 1893 o apanhára em suas malhas, e Canudos o tivera nas trágicas refréguas, sendo-lhe dada a promoção por ato de bravura.

Na Colonia já residiam, com suas famílias, o tenente Cristiano Pinto, culto e intelligente auxiliar da administração militar, Leoncio Alves negociante, D. Jesus Val, proprietário e morador de "Porto Aguirre", na costa argentina, à margem do Iguassú, e que por anos facilitou os meios de visita aos famosos saltos, pelo lado argentino; Mathias Peters, depois guarda da Mesa de Rendas, e D. Higino Alégre, morador e negociante no porto *Bela Vista*, pouco acima da séde colonial e fronteira ao porto habitado paraguaio *Itacurupucu*, espanhol de trato e espirito

empreendedor, mantinha naquele ermo confortável e bela vivenda onde, com os seus, a senhora e filhas Elisa e Manola, fazia reviver para o excursionista a polidez da sua raça no fino acolhimento que lhe dava. Mais tarde aumentaram o meio social da Colonia, com suas famílias, o major João Soares Neiva de Lima, novo diretor da Colonia, Fidelis Alves, o instalador da primeira estação telegráfica do lugar, Jorge Schimmelpfeng, antes chefe da repartição estadual de arrecadação, e depois dos mais fortes negociantes e industriaes dali; Manoel Ramos, funcionário da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional no Paraná, que nos fôra substituir na Mesa de Rendas; e mais algumas pessoas. O mais antigo habitante da Colonia era o espanhol Jacintho Palacin, então negociante, como o era o paraense José Pedroso.

Em visita à Colonia apareceram, por essa época, o Dr. Candido de Abreu, engenheiro civil, que percorreu os meandros da zona demarcando terrenos e apreciando a riqueza natural; Aristides de Oliveira, apanhando flagrantes fotográficos muito expressivos dos *Saltos* e da floresta.

Por lá passaram os engenheiros militares João Gualberto, o heroico martyr; Felix

Fleury e Amorim, José Ozorio e J. de Castello Branco, então encarregado, em companhia do tenente Berlim, da estação telegráfica da Comissão Estratégica, instalada algumas léguas antes da Colonia, entre esta e a cidade de Guarapuava; espirito cultivado e alma grande, elevava os deveres do seu cargo à dignificação da bondade e constituíam ambos uma esperança e um apoio da longinqua povoação, em meio á carencia de recursos para a transmissão de notícias urgentes à Capital do Estado, ou vice-versa, enquanto não se estabeleceu o telégrafo na Colonia.

E quantos mais, a quem a nossa memória não foi grata, nos proporcionaram risosas horas de afetuosa convivencia por aquella região virgiliana e distante.

Ao chegarmos, em 1905, a feição característica da Colonia era mais de uma povoação estrangeira; raro, o dinheiro nacional quando aparecia era mais como um hóspede, prevalecendo, no comercio local, para todos os efeitos, o *peso* papel argentino.

Apezar de agrícola e pastoril, como por lei era declaração, a Colonia importava de *Posadas* e *Vila Encarnacion*, as duas mais próximas cidades, esta paraguaia, aquela argentina, a 2 1/2 dias de viagem de vapor

pelo rio *Paraná*, todos os gêneros de primeira necessidade, mesmo os produtos de pequena lavoura, e até aves domésticas eram adquiridas a bordo dos vapores.

Em 1889, o então capitão de engenheiros Belarmino de Mendonça Lobo, illustre chefe da Comissão militar encarregada de fundar a Colonia do Iguassú, escrevia em relatório: "Desta fôz (do Iguassú) para baixo encontram-se, pertencentes à República Argentina, o *Porto de Meabes*, defronte de *Azara*, a 25 quilometros, *Piruí*, que fica em frente a *São Lourenço* e comunica com as campinas de S. Pedro e America, *Erê*, *Bôa Vista* e *Palmas*, a 180 quilometros, *Acanguassú*, onde ha uma sub-prefeitura de policia, 275 kms.; seguindo depois *Corpos*, *Santo Inácio*, *Sant'Ana* e *Candelaria* e a cidade de *Posadas*, antiga *Itapera*, que fica a cerca de 400 quilometros. Os pontos intermediarios entre *Corpos* e *Posadas* são também habitados".

E cita diversas povoações paraguaias à margem direita, até *Trindade* e *Encarnacion*.

A falta de navegação brasileira no rio *Paraná*, e as dificuldades que assoberbavam a comunicação por terra entre a Colonia e a estrada estratégica obstaram desde o começo o natural incremento da zona, apesar dos

grandes recursos com que, durante anos, foi a Colonia dotada na lei orçamentária do país.

Essa morosidade no desenvolvimento obrigou a manter-se ali, por mais tempo do que devêra ser, o regimen de praça de guerra que, se por um lado garantia completamente a segurança da povoação contra violencia, roubos, ou ataques de aventureiros, provaveis em fronteiras longinquoas e pouco habituadas como aquella, por outro, a sua própria natureza de rigorosa disciplina e coerção, que poderia ser amenisada ou agravada conforme o temperamento e compreensão dos diretores militares, não favorecia o surto espontaneo do commercio e da industria e, portanto, o ampliamento do meio social.

A franquia completa do porto colonial para a importação dos gêneros e artigos consumidos ali, foi sempre um meio de escoamento para o dinheiro brasileiro, tornando, ao mesmo tempo, dispensável o trabalho de cultura e criação na Colonia, pela vantagem dos preços baixos no commercio argentino para os gêneros de immediato consumo.

E' verdade que os trabalhadores ou peões das *obrages*, como denominam os logares do corte e preparo da madeira, e dos *her-*



*vacs*, são explorados pelos negociantes agentes dos exportadores, e muitos deles exportadores por conta própria, que pouco se distanciam do *Shylock* de Shakespeare nos lucros fabulosos de 200 e 300 por cento com que se cobram dos fornecimentos de viveres e artigos de uso aos escravos do trabalho do mato.

Pela mesma força caudina passavam os que na Colonia tinham de recorrer ao commercio local.

Os trabalhadores, porém, não se podem ocupar de agricultura e criações.

O estabelecimento do regimen fiscal e aduaneiro, metodisando o movimento e as operações no porto da Colonia e obrigando, pela cobrança de direitos, a volta do dinheiro nacional e a sua consequente circulação no commercio local, determinou uma fase nova na vida pròpriamente nacional e na prosperidade da ubérrima zona, e, paralelamente, por uma previsão de economia domestica e social, despertava entre os moradores atividades latentes para o trabalho agrícola e pastoril.

A prova mais eloquente destas considerações foi o aumento da população e o crescente desdobramento das forças locais, coroados finalmente pela assistencia dos go-

vêrnos do Estado e Federal, consagrando na elevação de categoria à cidade e aparelhando esta com os recursos adequados às funções que lhe são próprias.

Os três primeiros meses da nossa estadia foram de temporais; chuva torrencial, com breves intervalos, sob o ribombo crebro da trovoadá por dias e noites. Calmo o período chuvoso, vieram os dias de sól em tal permanencia e fulguração que eram um encanto para o espirito e gozo para o corpo, em vitalizador intermedio entre os crepusculos da auróra e da tarde. No verão o calor fazia-nos lembrar terras do norte, vivo, intenso, ressequindo a herva dos campos, carbonisando a grama e, graças à lei das compensações, extinguindo os mosquitos que, meses atrás, flagelavam impiedosamente não só a espécie humana, mas animais como os de montaria, em maior porção alí, infligindo-lhes o minúsculo e terrível inséto una perseguição cruel e persistente a fervilhar em nuvens compátas sobre a cabeça e o dorso das vítimas, que se agrupam, no campo, aconchegadas corpo a corpo, até que em desespero de defesa se dispersam em disparo violento. Este, a que os naturais do lugar chamam *Barigui*, é o mais numeroso e mais incomodo; do tamanho e fórma do gorgulho

preto do feijão, é dolorida a sua picada na qual segrega um líquido claro, toxico talvez, que faz entumescer a epiderme no ponto atingido se de pronto não se comprime para expelí-lo. Além desse ha os vulgarmente chamados *mosquito pólvora*, preto, quasi imperceptivel, de tão pequeno, e o *pernilongo*, do gênero *anoféle*, transmissor do germen palúdico das vasantes do *Paraná*.

No começo de 1906 houve a desastrosa e formidável enchente do rio *Paraná*, assinalada em quasi todo o seu percurso. No porto da Colonia as águas elevaram-se a mais de trinta metros. Vapores chegaram a atracar próximos ao alto da barranca. As margens do rio foram, em muitos logares, varridas pela corrente, e ilhótas de verduras, troncos enramados, objéto de uso, desciam lentamente o rio como destróços. O prejuizo da Colonia limitou-se à escada no porto de desembarque, destruida pelas águas, e que era o único meio de ascensão aos 40 ou 50 metros de altura entre o rio e o terreno, sendo substituida por um caminho sinuoso cavado na própria barranca e escorado com tóros de madeira. Obra realisada pela administração da Mesa de Rendas. Passada a furia das águas, baixo o rio ao seu nivel habitual, sobreveio então a febre palustre com

intensidade superior á de outros anos, e, pela primeira vês, eu e toda a minha família adoecemos naquele retiro selvatico e antes magnificamente sadio, vítimas de violenta infecção palustre, não mortal, mas de abater em dois dias todas as energias físicas e morais de uma pessoa, cadaverizando-a.

A infusão quente da casca de limão, que ha em abundancia no lugar, e um medicamento italiano, *isanoféles*, para a malária, importado de Posadas, eram, com o quinino em doses maciças, o salvaterio da população.

Faleceu por essa ocasião a senhõra de Jorge Schimmelpfeng, sob a geral consternação de todos; nós sem logarmos melhoras positivas com os medicamentos costumados, sem recursos médicos na Colonia, onde havia, entretanto, a farmacia militar regularmente montada, recebendo receitas por telegrama, devido à nímia gentileza do Dr. José G. Albernaz, médico da Commissão Estratégica, a longas léguas distante; correspondendo-nos a qualquer hora com Curitiba sobre providencias a dar quanto ao estado dos enfermos e necessidades da administração, graças á incomparavel sollicitude de Fidelis Alves, o encarregado da estação telegráfica da Colonia, e de Leopoldo Pereira, chefe da

estação na Capital paranaense; e ainda a Augusto Stresser, o meu antigo e dedicado amigo, hoje de nome consagrado no mundo musical, pelo brilhante sucesso da sua opera *Sidérea*; e que, como colega na repartição da Fazenda, amparava os meus interesses de funcionário, tratamos pressurosos de resolver a crise, já perigosa e intoleravel, retirando-nos para *Posadas* e daí para Curitiba, numa viagem longa e dolorosa, pelo Rio da Prata, porque iamamos emaciados, febris, a lutar com os repetidos acessos palúdicos, minha mulher em estado grave, os filhos debilitados, todos, enfim, com a saude combalida para muito tempo.

Não foi, porém, essa ultima impressão de atropelo e sofrimento a que perdurou em nosso espirito, nem a lembrança dos trabalhos e dissabores que nos custou o desempenho da nossa missão. Dominou-nos o entusiasmo pela selvática beleza da região, pela sua altaneira promessa de futuro, com as cachoeiras à frente.



## A madeira

A exportação da madeira e da herva mate para a República Argentina tem sido a poderosa e a única fonte de renda na F'óz do Iguassú.

Os grandes troncos, uma vez abatidos, são rolados pelas *planchadas*, grandes clareiras abertas à margem do rio, até ao nível d'águas, onde se reúnem após, formando balsas extensas como longo estrado sobre a água, para descrem demandando o porto de *Posadas*, ao impulso de uma laucha a vapor.

Como o pinheiro nas regiões elevadas do Estado constitue uma riqueza incalculavel, podendo-se avaliar, diz o Dr. Vitor do Amaral, em cerca de 80.000 quilometros quadradados a superficie coberta de matas que contém esta preciosa arvore, na proporção aproximada de 1.000 pés por quilometro quadrado, dando, portanto, em resultado um número de 80 milhões de pinheiros na superficie do Paraná; como o pinheiro, de todo

ausente naquela zona, a madeira de lei é naquela fronteira de exuberancia nababesca.

“Natureza selvagem e prodigiosa essa por onde se precipita a torrente do Paraná, dí-lo Domingos Nascimento, são os seus terrenos, por partes, distintamente silicosos e calcareos, como ainda argilosos, predestinados a toda a sorte de culturas.”

No reino vegetal, continúa, então é que o vale do Paraná se apresenta com toda essa prodigiosa e ineontestável superioridade de riqueza que tem chamado tanto a atenção dos platinos.

Dizem narrações eitadas pelo Dr. S. Paraná: “A vegetação que adorna as barrancas do rio Paraná e todo o seu vale, desde a Serra de Maraeajú, é verdadeira pintura, embora não se avistem campos nem as altivas araucarias do planalto”.

O viajante que penetra aquela viçosa e secular florésta verá surpreso erguer-se por todos os lados, cheios de um bello colorido e formosissimas frondes: a peroba, ou *palorosa* dos paraguaios, cujo diametro atinge a 2m. e a altura aproveitavel a 20m., madeira côr de rosa, flexivel e dutil, que pela sua grande abundancia e por melhor prestar-se em qualquer construção, será o futuro de nossos estaleiros naquele porto; o ipê, ou



*lapacho* dos argentinos, que na primavera enfeita as encostas com suas flores purpurinas, e cuja madeira de um bello verde escuro amarelado, além das propriedades já conhecidas pela sua rigidez e duração é de um bello emprego nas mobílias e artefatos; a *tajuba*, de largas folhas cinzentas, sem branco na madeira que, doce no emoldurar e de grande duração, é uma riqueza combinando com o verde-escuro do *ipê* o seu bellissimo amarello de ouro em liga; a *guajuvira*, bella arvore esguia, de folhas miudas e ramagens abundantes, cuja madeira de veias negras sobre amarello escuro é empregada como uma das que oferecem mais consistencia e duração e por ser a mais comumente encontrada; a *cabreuva*, conhecida algures por *pao de balsamo*, de um perfume suave na casca e de cerne tambem cheiroso, oferecendo as mesmas propriedades da *imbuia*, nefandra conhecida em toda a parte oriental do Estado; a *guarapiapunha* ou *amarelinha*, e a *pindaúba* ou *louro pardo*, arvores ali fornecendo as vigas e taboas as mais perfectas e duraveis; o *alecrim*, *acacia eréta* e *formosa*, de folhagens verde claro e cujo cerne, côr de rosa, conquanto de pequenas dimensões é o que oferece maior densi-

dade e resistencia, a ponto de ser empregado pelos selvagens em suas penetrantes flechas, servindo a guajuvira para os arcos; a canafístula, acacia a que dão o nome de *monjolo* por servir de madeira pesada e rija na construção dessa machina usada entre os rústicos, o sapuhí, ou erroneamente *canela do brejo*, cujas fibras apresentam os coloridos mais vivos, belos e variados que temos visto em madeiras; o louro branco e o cedro que, apesar de serem inferiores ás já mencionadas, atraíram por alguns anos os estrangeiros e nacionaes erradios que em busca da herva mate clandestinamente enriqueciam, antes da fundação da Colonia, com exportalas para os portos argentinos, onde um só cedro por seu volume e beleza de fibras, pôde render ao seu possuidor cerca de quinhentos pesos ou mais, e a peroba cerca de mil; o guatambú, de pouca duração, mas muito resistente, a canela preta, a parda e outras netandras oferecendo excellentes taboados; a timbauba, de que se fazem excellentes canoas; o carvalho e espino de corona, madeiras rijas, de belo vermelho adamascado e ainda pouco conhecidas e empregadas nas construções; a caujarana, de folhas parecidas com a do cédro, verdes, lon-

gas e empalmadas, e cuja madeira purpúrea é de grande duração ao ar livre; e muitas outras como as figueiras, a eopahiba, o marmeleiro, a farinha seca, etc., que seria longo descrever nesta ligeira notícia". "Encontram-se ainda naqueles ermos outras não menos belas e preciosas arvores frutíferas, sobresaindo a guabirobeira, cujo tronco tem cerca de um metro de diametro e o todo atinge a 20 m. de alto, e seus frutos saborosos e sem vermes chegam a ter 4 centímetros de diametro". O genipapo, a cereja, a jaboticaba, o araçá, a popaíaca ou *mamão do veado* no norte; *jissaras*, parasitas, *sambaias*. De toda essa opulencia descrita, a parte principalmente que margeia o *Paraná* ressentente-se já da larga e anarquica devastação que tem lavrado na floresta pelos exportadores da madeira.

Não é que deveressemos conservar a selva intangível, como um recanto sagrado, impenetravel nos seus reconditos, para o gozo platónico do viandante e para documento virgem da colossal e decantada riqueza natural do Brasil; mas o cuidado no corte, com a época própria, a escolha das zonas a serem exploradas de forma a não desarborisar-se por completo determinados pontos; o estu-

do, como recomendava o Sr. Beaurepaire Rohan, (2) para ser divulgado pelas regiões, contendo: o nome vulgar; altura e diametro, idade da arvore; emprego da madeira; quaes as mais próprias para o ar, para o chão, para a água, duração em qualquer destas circumstancias, quais as mais abundantes e de mais facil aquisição; propriedade de risinas, cascas, das folhas, frutos, em relação á industria ou economia domestica ou medicinal; *época mais favoravel ao córte.*

Não é sómente o aproveitamento metódico dessa riqueza para a exportação da madeira, que devemos ter em vista; outros filões para a especulação scientifica e commercial opulentam a grandeza das florestas; as resinas, os elementos medicinais, as plantas trepadeiras, a feição peculiar com que as matas concorrem à geografia da zona; e sobretudo a ação poderosa e benéfica exercida pela vegetação quanto ao clima e outras condições de habitabilidade e produção locais.

A região florestal, diz-nos o grande Humboldt, profundo conhecedor das florestas americanas, tem triplice influencia: atua, a um tempo, pela frescura da sombra que es-

---

(2) — Paraná Antigo e Moderno, de Romario Martins.

palha, pela evaporação das águas que absorve, e pela irradiação que refresca a temperatura. Descrevendo o processo da irradiação pela folhagem das matas, calcula o sabio botânico que o ar circulante pelos espaços que ficam entre as diversas camadas de folhas, resfria, por efeito da irradiação, nas noites compridas e serenas das zonas equinoxiais, de tal fôrma que uma arvore, a qual, cortada horizontalmente na copa, daria apenas uma superficie de 211 metros quadrados, atua todavia sobre o abaixamento da temperatura, graças ao grande número de órgãos apendiculares, como 211 metros quadrados de um sólo húmido ou coberto de gramineas, repetidos muitos milhares de vêses (3).

Sabem todos da alta influencia que tem a vegetação sobre o clima de um lugar e sobre a fertilidade das terras; na conservação e distribuição das águas; na salubridade e amenisação locais pela permuta que faz com o reino animal, do oxigenio pelo carbono, e pelo ar de vida e beleza que em tudo espalha. Daí o interêsse a que nos devemos obrigar pelo futuro das regiões florestais. A Galiléa, diz Renan, era um país mui-

---

(3) — Humboldt. *Quadros da natureza.*

to verde, umbroso e risonho, o verdadeiro país do Cantico dos Canticos e das Canções do Bem-amado... o estado horrível a que foi o país reduzido, sobretudo próximo ao lago de Tiberíade, não é uma ilusão.

Joseph decantava as bÉlas arvores da planície de Genesareth, onde não ha mais uma só. *La fiÈre AmÉrique se suicide*, escrevia em 1904 em a *Lectures pour Tous* o autor de *La vengeance des Arbres, ou si l'on veut, elle est en proie à une frénésie qui la mène droit à la mort. Aux E'tats-Unis, la hache des bucherons a jeté par terre des silves immenses que les couperets des scieries ont débités en poutres, en planches, en sciure de bois. L'avidité des Jankees n'a même pas respecté les sapins géants de la Californie, les SEQUOIAS SEMPERVIRENTS, qui étaient, certes, les plus beaux monuments du monde, le plus sublime effort de la nature sous le soleil.*

A Europa, continúa o magnanimo defensor das arvores, não se mostra mais conservadora das suas riquezas florestais que a America.

Na Suecia, por exemplo, tanto esgotaram a floresta que se fecharam as usinas de ferro por falta de lenha.

Na Russia a floresta cede gradualmente o lugar ao bosque, a arvore ao arbusto, o arbusto ás hervas secas e, pouco a pouco, os campos ás estepes.

Na Algeria, e é a vez da França, “au temps de la conquête les montagnes étaient couvertes d’opulentes forêts. Helas, depuis cette époque peu lointaine, la hache du colon a accompli son oeuvre de devastation. Et il en découle une conséquence toute naturelle: l’eau des orages n’étant plus retenue par le sol des pentes boisées, l’Algérie n’a plus autant de sources qu’autrefois et sa fertilité est diminuée.”

O Estado do Paraná, como todo o Brasil, no extraordinario gozo da imensa fartura que possui em matas riquissimas e compactas, não sonha talvês com os pavorres da esterilidade que assolou a Galiléa; que ameaça de maior tristeza a Siberia; que pesa sobre os Alpes franceses.

Não tem ainda as terriveis consequências da devastação florestal, mas pratica-a desabridamente, sem o cuidado da replantação, sem o carinho pelas arvores novas, e isso tanto nas suntuosas araucarias do interior do Estado, como na majestosa mata que acompanha as margens dos rios.

É como no Canadá e na Rússia, não só o machado é o Atila incançável desse império vegetal — o fogo, o incendio implacável e esterilizador tem concorrido, como aquele doido de Efeso, para a destruição desses benéficos e fartos templos da clorofila, que são as nossas florestas.

Ernesto de Oliveira, o notável cientista conferraneo, em um capítulo — *A machado e a fogo* — laborado e intenso, narra como nos seus verdes anos acompanhando o “valente guerrilheiro dos Pampas” atravessou as extensas florestas que bordam o Tibagi, o Paranapanema e o Paraná. “Nunca mais se nos apagarão da memória as imagens daqueles panoramas deslumbrantes que, no mundo inteiro, só a nossa patria pôde oferecer aos olhos do viandante.” Mas chegou o dia, continúa, de ouvir-se naquelas quebradas um éco compassado, perseverante, tenaz... é o machado que fende as arvores. Movem-n’o os braços bronzeos, os músculos de aço do nosso sertanejo, gente insensível à fome, à fadiga, bem como à beleza e à opulencia daquelas paragens.

“Mêses depois ergue-se no céu o clarão rubro cor de sangue da queimada. Num turbilhão de fogo e de fumo os enormes tron-



cos, os cadáveres da florésta, se estorcem estrepitosamente e se reduzem a cinzas.”

“Dez anos mais tarde couvertem-se aqueles encantos da natureza em cerrados estereis, em samambaias improdutivas.

Um cabedal imenso armazenado nas fibras daquelas arvores e nos principios azotados daquelas terras, consumiu-se em chamas e se evaporou aos ares.

Atrás do machado e do fogo fica o deserto”.

O incendio das matas ou dos campos, á noite, recorda alguma coisa de fantástico e surpreendente; lembra palacios de Aladino em columnas ardentes, e onde o maravilhoso se coroa de tétrico.

A luz da chama fendendo a escuridão e ao prestigio da distancia, movendo-se ondulada e rubra, é sombria; evoca, para quem assistiu antigas cerimoniaes de Pascoa, uma espectral procissão de fogaréo, com laivos macabros de noite de Walpurgis, onde a insânia da bruxaria quizesse reproduzir a destruição de Gomorra.

Esse espetáculo assisti-o nos Campos Geraes.

Na região que formava o perimetro da antiga Colonia do Iguassú imperava singularmente o machado, a destruição pelo cór-

te, pois o velho róble da florésta, centenário talvês, e sob cuja fronde basta e generosa o jaguar, ou o viajor cansado encontraram um dia abrigo e paz, deve ceder o anoso tronco, valendo uma pequena fortuna, à avidez comercial do exportador, deve ser mobilisada para o mercado, escrava indefesa e nobre a árvore.

*Forte, erêta na altura a basta fronde abrindo  
C'oadada da ouro do sól, aos ventos sacudindo  
A gloriosa cimeira.*

Como a decanta o eminente Alberto de Oliveira.

## O mate

A herva mate, o nosso *ilex*, é a mais vultosa industria extrativa do Paraná. No exercicio financeiro do Estado, de 1935, a exportação do mate (conforme a Mensagem do Governador do Estado à Assembléa Legislativa, em 1.º de Setembro de 1936) atingiu à soma de 2.585:115\$100, sendo de herva beneficiada: 1.256:404\$000, e de herva cancheada 1.328:711\$100.

De 1931 a 1935 taes exportações elevaram-se ao total de Rs. 16.333:459\$677.

No primeiro semestre de 1936 o mate beneficiado rendeu na exportação a quantia de 542:139\$400, e o cancheado a de... 635:683\$300. Lê-se, na referida Mensagem:

“A herva-mate, que vinha sofrendo baixas continuas no seu preço e na sua exportação, e que se agravam a partir de 1932, experimentou uma sensível melhora no preço e no movimento dos seus negocios,

desde que foi posto em execução o decreto n.º 200, de 18 de Fevereiro de 1935, que limitou a produção e fixou os tipos negociáveis, com o objectivo de melhorar a qualidade. Estas medidas resultaram do acôrdo que temos assentado com os nossos vizinhos e foram tomados simultaneamente pelos governos de Santa Catarina e Paraná”.

O valor do mate exportado pela Fóz do Iguassú em 1935 foi de 240:480\$000.

A herva-mate, preparada a infusão para ser bebida como o chá da Índia ou o café, ou tomada com bombilha em mate doce ou amargo (*chimarrão*), tem qualidades alimentares muito recomendáveis e medicinais. Fria a infusão do mate e sem açúcar é bebida saborosa e tónica, e de ótimos efeitos therapeuticos, muito adequada aos climas quentes. O *chimarrão*, ou mate amargo de bombilha, é excelente estomacal. De sabor exquisito, como o é o da cerveja para os não habituados, é de uso entre os nossos fazendeiros e camponios, como entre os rio-grandenses do sul. No interior do Estado a *cuiá* de-mate substitue a chicara de café que nas cidades se oferece aos visitantes.

O *chimarrão* tem a sua cerimonia obrigada, e qual o champagne que perde a graça aristocrática se não fôr bebido em taças de cristal, êle não terá a sua graça rude, agreste mesmo, se não fôr tomado em *cuia*, ou *porungo* devidamente preparado, que os ha até com requintado luxo de labores de prata e ouro, com bombilha de *taquara*, ou de prata. Em roda feita, a *cuia* passa de mão em mão, como uma reminiscencia do *cachimbo da hospitalidade* com que se recebiam os visitantes e forasteiros nas *tabas* dos nossos indígenas.

O primeiro mate é da etiqueta que o dono da casa o tome, porque é o mais fraco.

O illustre clinico Dr. Peckolt procedeu, no Rio de Janeiro, a análise em diversas espécies de mate, com relação à cafeina contida em 1.000 gramas do *ilex* do Paraná, com resultado seguinte:

Ilex sorbilho, folhas secas . . .	gr.	16,750
" paraguayensis, idem . . .	"	7,678
" " galhos secos . . .	"	2,579
" guaiabensis, folhas secas . . .	"	0,500
" sorbilis, ramos secos c/ folhas	"	1,050

Em igual porção de folhas secas produziu a análise o seguinte:

Clorofila e resina mole . . . . .	gr.	62,000
Ácido resinoso . . . . .	"	20,694
Cafeína . . . . .	"	7,678
Ácido mate taninico . . . . .	"	12,288
Materia sacarina . . . . .	"	47,048
"    extrativa amarga . . . . .	"	2,033
"    e ácido organico . . . . .	"	8,815
Stearoptena . . . . .	"	0,019
Albumina, dextrina e outros sais	"	39,696
Materia lenhosa e aquosa . . . . .	"	799,729
		1000,000

Do mesmo clinico temos a análise comparativa seguinte, com o chá verde, o preto e o café:

Em 1.000 partes	Chá verde	Chá preto	Café	Mate
Oleo essencial . . . . .	7,90	6,00	0,41	0,01
Clorofila . . . . .	22,20	18,14	13,66	62,00
Resina . . . . .	22,20	36,40	13,66	20,69
Tanino . . . . .	178,00	128,80	16,39	12,28
Cafeína ou theína . . . . .	4,50	4,30	2,66	2,50
Materia extrativa, etc.	464,00	390,00	270,67	238,83
Fibras e cellulose . . . . .	175,80	283,20	174,83	180,00
Cinzas . . . . .	85,60	54,40	25,61	38,11

Dessas análises conclue o sr. Caminhoá, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

1.º — O *mate* contem menos *oleo essencial*, é, pois, menos excitante que o café, o chá preto e o verde, convindo mais ás pessoas nervosas, ás mulheres e ás crianças.

2.º — O *mate* contem mais *resina* que o café, menos que o chá verde e muito menos que o chá preto: é pois mais diurético que o café, e como estimulante rivalisa com o chá verde.

O Engenheiro Basaldua apresenta a seguinte análise química da herba-mate, registrada no Wittstein. Verteljahr de 1897 (4):

Theina . . . . .	0,450
Ácido cafetanico . . . . .	20,880
Goma . . . . .	2,830
Resina, clorofila e cera . . . . .	5,902
Compostos proteicos . . . . .	9,361
Celulose . . . . .	22,148
Apotema . . . . .	8,640
Sais . . . . .	3,890
Água, etc., etc. . . . .	8,100
com vestígios de azeite volatil.	

(4) — F. Basaldua — *Missiones*.

Essa análise, diz êle, comparada com a do café, chá, cacão, etc. demonstra a imensa superioridade da herva-mate, e augúra a este produto das selvas virgens grande incremento comercial, quando a industria intelligente do agricultor moderno modifique os barbaros processos seguidos até hoje.

O mate não deu ainda o trabalho do plantio no Paraná, pela abundancia que ha dele, as suas florestas ou hervas acompanham as do pinheiro nas regiões frias do Estado, crescendo promiscuamente com a arauçaria.

Colbido em ramos folhudos, é o *ilex* secado a fogo lento em *giraus*, nos *carijós*, local onde os hervateiros fazem tal operação.

É em seguida podado e triturado na cancha por meio de paus ou espadas de madeira, daí passa ao beneficiamento nos *engenhos*, para então ser exportado e entrar nos mercados em fórmula de folha, talo e pó, acondicionado modernamente em barricas de pinho de todos os tamanhos; antigamente o era em grandes bolsas de couro de boi, denominadas *surrão*.

Para o seu beneficiamento ha maquinismos aperfeiçoados, tendo ligado seu no-



me a esse progresso mecânico industrial o engenheiro patricio Francisco Camargo.

Da família das *ilicineas*, de Ad. Brogu, e com estas classificações: *ilex paraguayensis*, de De Caudolle e Lambert, classificação esta não fiél à espécie propriamente do Paraná, de sabor menos amargo e menos intensa que a do Paraguái e de Mato-Grosso, *psoralea glandulosa* de Linneu; *ilex sorbilis*, de Reiss; *ilex thesana*, de Martius; *ilex-mate*, de Saint Hilaire; ou simplesmente *herva-mate*, do nosso povo; o precioso vegetal, o ouro verde, ha montado poderosas fortunas no Paraná pelo seu fabrico e exportação, chegando a ser a monocultura do Estado, em tempos não remotos.



# AS CACHOEIRAS



## *Sete-Quédas, ou Guairá*

Como o verso e o reverso de gigantesca medalha gravada, na alucinação de uma hora de genio, para a glória da natureza no Brasil, as fronteiras éste e oéste do Paraná ostentam, aquella os saltos do *Guairá*, ou *Sete-Quédas*, e esta os de *Santa Maria* ou do *Iguassú*. A primeira limita o Estado paranaense com o do Mato Grosso e a República do Paraguái; e a segunda com a República Argentina.

São taes cachoeiras dois braços vastos e imponentes numa orquestração de águas revoltas que medeia entre o assombro e o desvario.

O *Guairá* fica aos 24° 4' 5" de lat. sul, e 11° 6' 6" de longt. oéste do Rio de Janeiro; ou 24° 4' de lat. austral e 11° 6' de longt. occidental do Rio de Janeiro, segundo o Barão de Maracajú, e com 327 metros sobre o nivel do mar.

O *Santa Maria* fica aos 25° 40' 5'' de lat. sul, e 11° 15' 34'' de longt. oeste do Rio de Janeiro.

O Estado do Paraná é detentor da maior força hidraulica do mundo.

O Brasil é o país das cachoeiras; altas ou extensas, grandes e pequenas; de simples ou caprichosa estrutura, elas interceptam cursos de rios, assoberbam panoramas, acordam em estridor a alma pagã dos matagaes imensos; e, n'um alto relêvo de rumorosa e admirável plástica oferecem um dos mais notáveis característicos do sistema hidrográfico do país, em um total de cerca de 400 quedas d'água.

Desse avultado número de cachoeiras, 15 ou mais altciam-se de 11 a 100 metros de elevação, algumas em linha de principais como as do *Maribondo*, no rio *Grande*; *Itapura* e *Avanhandava*, no *Tietê*; *Salto Grande*, no *Paranapanema*; e as maiores *Sete-Quedas*, no *Paraná*, *Santa Maria*, no *Iguassú* e *Paulo Afonso*, no *S. Francisco*.

E rios ha que as tem quasi em legião, como os *Negro* e *Madeira*, ao Norte, e *Paranapanema*, ao Sul.

O *Guairá* ou *Sete-Quedas* é a cachoeira de maior volume; domina pelo colossal.

O rio *Paraná*, depois de em seu valeroso curso haver banhado léguas e léguas do território brasileiro, até ao *Salto do Urubupunga*, a 12.200 metros de extensão "onde se atira de um játo e com o ruído que se ouve a mais de duas léguas", prosegue avolumado pelas correntes do *Tietê*, de águas límpidas; do *Paranapanema*, entrecortado de corredeiras e barragens; do *Ivinheima*, que o penetra por cinco bocas; do *Ivahí*, *Igurei*, *Piquiri*, e outras vertentes, até opor-se-lhe na carreira um ramo da Serra de Maracajú entre o Brasil e a República do Paraguai (5). Esse ramo estendendo seus cordões de Oéste para Lés-te comprime-lhe o leito e o rio abre-se em dois grandes braços, abarcando a maior ilha fluvial do Estado, a *Ilha Grande*, em

---

(5) — De um trabalho estatístico mandado organizar pelo Governo de S. Paulo, em 1826, e citado nos *Apostamentos Históricas e Geográficas* de Azevedo Marques, lê-se que o *Rio Grande*, ou *Paraná*, tem princípios na serra de *Yuruoca* na comarca de S. João d'El-Rei, provincia de Minas Gerais, depois de engrossado pelos rios da *Morte*, *Verde*, *Sapucaí* e outros, começa a servir de limites entre Minas Gerais e S. Paulo no território da cidade de Franca. Cresce com a junção do *Paranaíba* que lhe entra pela margem direita vindo de Goiás, dos rios *Pardo* e *Mogi-Guassú* pela esquerda, ambos de S. Paulo.

No salto do *Urupunga*, pouco abaixo da embocadura do *Mogi-Guassú*, perde o nome de *Rio Grande* e passa a denominar-se *Paraná* (muita água).

perimetro de 80 quilometros, para reunir-se abaixo na largura de 5.000 ms. e, logo após, no alto da rocha, transborda na extensão de 4.200 ms. para entrar gorgolhando as águas apertadas em estreito canal de 60m, diz Azara que o vio ha mais de século, e confirma-o em 1876 o *touriste* conterraneo Nestor Borba (6).

“O rio corre do Piquirí para baixo de NE para SE, formando uma enseada a quasi uma légua de largura pelo vértice do ângulo formado pelas duas serras (o ramo de *Maracajú* e outro a que se refere N. Borba, a quem tomamos a informação); precipita-se por um canal, que chamou grande, que corre de N. para S. de 40 metros de largura, no principio, e que desce alargando-se irregularmente; por um plano de inclinação de 25° sobre este canal desperham-se outros menores de ambos os lados, que variam de largura, entre 35 e 10 metros de comprimento, formando ângulos com o canal grande. Os primeiros vão crescendo de alturas proporcionaes ao ângulo de inclinação que o canal grande fórma,

---

(6) — Capitão Nestor Moricines Borba, paranaense, foi veterano da Guerra do Paraguai, sendo ferido na batalha de 24 de Maio. Tinha exame pratico de agrimensor e exerceu em Curitiba o cargo de tabelião de notas.



por isso variam de altura entre 4 e 28 metros; por cima do rochedo jorram numerosas torrentes que caem sobre os canaes.

O Barão Homem de Mello algarisma em 80m. a largura do canal.

Entre dois rochedos de formação basáltica, de 28m, acima das águas do canal, “despeja-se então por um paredão muito íngreme, mas não vertical, em varias quedas de 15m. a 18m. de altura, diferentes todas umas das outras pelo aspéto das rochas e da vegetação, como pela massa e espessura das águas”. E o turbilhão imenso que jorra a 18.000 metros cúbicos por segundo, dá-lo Reclus, tomba brutalmente em uma só bacia e “o estampido da catarata se ouve a 33 quilometros de distancia e na visinhança parece que a terra treme”, escreveu Azara. O engenheiro W. Lloyd assevera em relatório: “Para dar uma idéia da majestade desta maravilha natural do Brasil, mencionaremos, a 100 quilometros do Salto das Sete-Quédas, conforme as seções transversaes do rio Paraná que acompanham estes estudos, que a largura do leito é de 1.500 metros, a profundidade média, no tempo das águas, de 12 metros, e a velocidade corrente de um metro, e, portanto, o volume das águas que

caem em um segundo, de 18.000 metros cúbicos”.

Uma neblina constante sobe do abismo, velando a nitidez das formas abrutadas da rocha e dando á formidável cachoeira algo de misterio no espanto que ella descerra, provocando exclamações como esta, de um espectador: “O rio parece cair das nuvens. Não é um espectáculo, é uma visão”. Ou a dos irmãos Seljan, recentes exploradores bohemios: “Vimos ao mesmo tempo o céu e o inferno”.

O rio precipita suas águas com furia indomável pelo canal Grande, diz ainda Nestor Borba; pelos outros menores despenham-se as torrentes com furia igual: ao se chocarem formam redemoinho enorme produzindo um estrondo medonho. Nesta luta horrível elevam-se colunas d’água a uma altura extraordinária, desfazendo-se em aguaceiro de uma beleza fascinante, não só pelas cores do arco-iris que tem geralmente, como pelo efeito do sol que, refletindo sobre as águas que se espalham no ar, faz de suas águas uma chuva de brilhantes.

“Á noite, escrevia um espectador antigo, debaixo de um magnífico clarão da lua, um arco lunar desenhava sua curva páli-

da; nos céos a coluna de vapor lançada do abismo, balançada pelo vento elevava-se e abaixava-se como um fantasma: era o espirito da catadupa que saudava o astro da noite.”

Nas suas proximidades, segundo Soufley, nenhuma ave se avista, nem animal algum a não ser o *jaguarate*, o animal mais feroz da America do Sul: e acima e abaixo da catarata são de diversas espécies os peixes, como si ella marcasse a fronteira de duas formações primitivas.

SETE QUÉDAS, vem o nome, diz a tradição local, como o de *Guairá* parece vir do Cacique *Guará*, o temivel dominador de Véra, de ver-se de longe elevarem-se ao ar sete volumes de nevoa densa, naquello rochedo abrupto e possante: a evaporação das sete maiores quédas na cachoeira sem par.

O viajante patricio Felinto Braga, antigo representante no Estado da grande Companhia Mate-Laranjeira, que chegou a ver o único salto que se percebe da costa paraguáia, fotografando-o, contou-nos que, de espaço a espaço, em uma das quédas resolve-se um encontro de águas por um estampido forte, como salva de canhão, seguido da nuvem neblinosa que se ergue di-

luindo-se no ar. Alguma coisa deve ser, como o fenomeno da *pororóca*, no Amazonas e da coluna liquida que, na antiga praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, se elevava à tarde no semicirculo em que então era feita a pequena cuseada, eréta e imponente, para desmoronar-se logo n'um estouro, deliciando aos transeuntes da praia.

Na primeira edição deste livro publicamos uma esplendida vista panoramica dos Saltos Guairá, como também das cachoeiras do Iguassú, fotografias devidas ao nosso distinto conterraneo Aristides de Oliveira, que muito de perto admirou os portentos naturais daquela região. Foi dele ainda, entre outras, a fotografia do ponto onde se defrontam as tres costas limitrofes, e que é uma paisagem de singular beleza, além do valor geográfico.

E com tais elementos, cumulados de testemunhos e dados, narrações descritivas e históricas, procuramos pôr em evidencia, em flagrante relêvo, o quanto possa o vigor de expressão que nos é dado ter, aquélla suntuosa potencial de águas que ha séculos marulha e freme nos paredões de basalto, guardando para a curiosa evocação

dos tempos o éco longínquo das *tabas* indígenas, do Guaraní temerário e altivo que lhe assistio antigamente o despenhar tumultuoso e lhe ouviu pasmo e contrito o reboar estupendo, como talvês se ouvisse a tenebrosa voz de *Tupan*; e mais o rastilho da afadigada e imperterrita missão dos *Jesuítas* a semear povoados de íncolas por quanta margem de rio e selvático vestibulo de cachoeira havia na cobiçada fronteira do *Paraná*, como a famosa *República del Guairá*, a opulenta *Vila Rica e Véra e Oritiveiros*, etc. no sonho fabuloso de Loyola, de materialisar pelo domínio do mundo o circulo de ferro do dogma; e mais ainda, as correrias barbaras e heróicas, criminosas para a ocasião e beneméritas para o futuro, das temiveis *bandeiras* em busca de minas e de escravos, deflagrando o remanso da floresta, ao pavor do íncola e estupefação da féra, para desentranhar da terra fecunda e generosa o metal luminoso e a pedra rara, e retomar aos vassalos de Felipe II, o usurpador, aqueles territórios aquem do *Paraná*, que eles os sabiam do velho reino lusitano, garantindo pela ambição e pelo denodo, o implacavel *Bandeirante* paulista, as divisas do Brasil futuro.

E do Cacique de *Véra* ao missionário Montoia, de Garcia e Sedenho a Antonio Raposo, o maior sertanista da epopéia bandeirante, quasi um emulo de Simão Bolívar na audacia dos feitos, e outros mais, os manes adormecem na floresta virgem zebraada aos poucos pelas estradas toscas dos caboclos e do peão e lentamente levada aos alcores do povoado e logo após a prenuncios de civilização com o advento da *Cidade* na Fóz do Iguassú, à espera da eclosão definitiva.

Os saltos de Guairá podem ser visitados indo-se por terra, através de S. Paulo, até Porto Presidente Epitácio, no Paraná, de onde se desce em um navio da Companhia Mate Laranjeira que domina, como proprietária e há perto de 30 anos, conforme assevera a sua administração, o local que tem por limites para o Estado e Mato Grosso e a República do Paraguái, a assombrosa cachoeira *Sete-Quédas*. Alí tem a Companhia instalados os seus serviços de preparo e exportação da herba mate que é conduzida a Porto Mendes, no rio Paraná, por um pequeno ferro-carril também seu, como tudo o que alí se acha. Tem seção de transportes, com oficinas, estaleiros, estação inicial do ferro-carril, casas para re-

sidências de empregados e suas famílias, armazens de abastecimento, hospital e farmácia para a assistência médica. Trata-se, declara a Companhia, de uma “fazenda” ou “melhor, de um estabelecimento rural da Companhia, dirigido e administrado por pessoal de sua confiança, como se procede em qualquer outra propriedade rural dessa natureza e onde não residem senão seus empregados e respectivas famílias”. Firmada nesses princípios a Companhia Mate Laranjeira não permitiu, em 1936, a instalação ali de agência postal, pretendida pelo Ministério da Viação. Permitiu, entretanto, se estabelecesse em Guairá uma estação radiotelegráfica.

E', como se vê, um domínio discricionário o exercido por essa Companhia em a nossa fronteira com o Paraguái. Declarou ainda a Companhia, para justificar a sua recusa á interferencia da autoridade postal no seu domínio, “a quem já administrou um estabelecimento dessa natureza em região apartada, *com pessoal numeroso e de diversas nacionalidades*, (o grifo é rosso), não passará despercebida a dificuldade de manter nela a disciplina necessaria á bõa ordem dos serviços.”

Não sabemos como os Poderes Públicos nacionais consideram essa independência territorial muito *sui-generis*. Já os tiradores de herba-mate e madeira, nas matas da Fóz do Iguassú, mantinham os seus trabalhadores, peões, na mais completa escravidão. Estará certo?



## *A Republica del Guairá*

Dizem as crônicas do tempo que o nobre portuguez Martim Affonso, donatário e fundador da Capitania de S. Vicente, não querendo impor a sua autoridade para a internação do país, ainda desconhecido, procurou saber de seus comandados quem se acharia com ânimo para tão arrojado empreendimento; — ao que Aleixo Garcia, soldado portuguez, ofereceu-se corajosamente, respondendo quanto ao número de companheiros necessários que bastavam somente aqueles que de boa vontade se offerecessem. Reuniram-se-lhe mais três homens e “a pequena escolta, diz Ermelino de Leão, conseguindo captar as simpátias de alguns indigenas do litoral, e cêsta fórma reforçada, penetrou no interior do país, percorrendo 67 léguas de montanha, como diz Pero Lopes, e vastas campinas.” Aleixo Garcia, refere Southey, fez-se em breve conhecedor da língua tupí, ou geral, seguida por 16 tribus brasileiras e assim poude ha-

ver-se com muita habilidade entre os índios tomás, chegando são e salvo com os seus companheiros ao vale do Paraguái, depois de ter passado pelos campos de Piratinin-ga e, desviando para suéste, atravessando o rio das Cruzes, transposto e navegado o Tibagi pouco além da fóz do Iapó, atravessado o sertão entre os rios Tibagi e Ivaí, navegando o Piquirí e transposto o Paraná perto das Sete-Quédas.

“Acolhido benevolmente pelos paraguaios, dentro em pouco conquistaram inteira confiança da tribu, conseguindo Garcia 2.000 índios para continuar a exploração das terras ocidentais”.

Com tal exército demandou os Andes, invadindo “o Perú e terras sujeitas aos reis Incas com cujos vassallos pelejou e adquiriu muitos despojos de prata, roupas e varios objéto, segundo a representação que fez o Cabildo de Tucuman ao Governador de Buenos Aires, em 6 de Abril de 1752, e cuja copia está registrada na Secretaria do Governo de S. Paulo, declara Azevedo Marques nos seus *Apontamentos Históricos e Geográficos*”.

De regresso os quatro portuguezes, com muitos índios carregados de despojos, por não enfrentarem com o exército nume-

roso de índios Chareas encontrado nas proximidades de Presto e Tacabuco, e entre ataques e privações, chegaram ao povoado Guaraní, á margem do Paraguái, de onde, escreve E. de Leão, enviou Aleixo os seus três companheiros para S. Vicente, encarregando-os de relatar tudo a Martim Affonso, a quem enviaram amostras de ouro e cristais.

Aleixo fôra em seguida assassinado pelos guaranís, com todos os demais companheiros, menos um seu filho que, segundo Rui Dias Gusman, autor da *Argentina*, foi levado alguns anos depois para Assunção pelo adiantado Domingos de Irala, sendo necessário uma guerra para rehavelo.

A volta dos companheiros de Garcia a S. Vicente, com a história dos feitos e amostras conduzidas, alvoroçou a ambição dos colonisadores, e nova incursão determinou-se.

Jorge Sedenho, escreve o dr. E. de Leão, cuja expedição não consta das crônicas paulistas ao que sabemos, mas que nem por isto pôde ser duvidada, porquanto Rui Diaz Gusman é testemunho valioso, pois nasceu em 1559 e ouviu as narrações deste successo de pessoas que talvez o tivessem assistido; Jorge Sedenho e 60 soldados, entre

êles alguns nóbres, internaram-se no país e, segundo o autor da Argentina, chegaram ao rio Ageaay onde construíram almadias e por êlas desceram o Paraná, pelo qual navegaram até o Salto Grande onde deixaram as canôas na margem ocidental, seguindo as pégadas de Aleixo, que supunham vivo. Sendo percebidos pelos índios, reuniram-se estes em grande número e ofereceram batalha aos portugueses.

Jorge Sedenho morreu na peleja e a pequena turma acéfala retrocedeu ao Salto das *Sete-Quédas*, perseguida sempre.

Os índios de *Guará* ou *Guairá*, poderoso cacique que dominava na depois província de *Véra*, ofereceram-se para dar passagem aos retirantes e estes, confiados nos protestos de amizade, aceitaram. Dispuzeram os índios aos portuguezes divididos em pequenos grupos nas *pirogas* e no meio do *Paraná*, onde mais forte era a corrente, abriram-n'as fazendo sossobrar. Os índios tripulantes facilmente salvaram-se, enquanto que os expedicionários, com as suas pesadas roupas e armas, não o conseguiram de tal modo, e os poucos que chegaram ás ribanceiras do rio eram mortos pelos guaraní, a pedrada.

Do poderoso cacique de Véra deve provir o nome — Guairá — que da república dos jesuitas até hoje batizou a região da grande cachoeira do Paraná e a designa, junto ao de *Sete-Quédas*. Ha pouca distancia dos Saltos das Sête-Quédas, lado norte, aos 24° 33' de lat.; segundo S. Adolfe, existiu a *República Teócratica del Guairá*, fundada por espanhóis no século XVI. que mantinham nele pequenas forças comandadas por um official, com jurisdição sobre as tribus subjgadas. Dessa *República* foram povoações de maior importancia: *Ontiveiros*, fundada pelo capitão Garcia Rodrigues de Vergara, em 1554, na margem oriental do rio *Paraná*, ao norte do Salto das *Sete-Quédas*, em terras do cacique *Canindeiu*. Insalubre o local, foi a povoação trasladada em 1556 para a fóz do *Piquiri*, pouco mais de légua acima do Salto, onde em 1557 o capitão Rui Diaz Melgarejo fundou a *Ciudad Real del Guairá* com cem espanhóis levados de Assunção.

Esta *Ciudad Real* foi mais tarde elevada a categoria de capital da Província do Guairá.

Em 1576 o referido Melgarejo, por determinação de D. Juan Garai, fundou

outra povoação a duas léguas do rio *Paraná*, a que deu o nome de *Villa Rica do Espirito Santo*; porém, não tendo o local a riqueza que o nome da povoação denunciava, foi esta naquele mesmo ano transferida para a fóz do *Corumbataí*, afluente da margem esquerda do Ivaí. Estabelecida de novo a *Vila Rica* em sitio conveniente, e que se mostrava abundante de minerais de ferro e cobre, foi, nos anos seguintes de 1578 a 1579, submetido grande número de índios *Guaranís* à jurisdição deste povoado. (7).

Estas povoações, escreve Rocha Pombo, não passavam a princípio de simples presidios militares, de verdadeiras estações de arrebanhamento de índios. Só mais tarde assumiram certa importancia, depois de cairem sob a administração dos padres, combinada com a autoridade civil, e pela descrição do que resta delas no fundo das florestas pôde-se avaliar o que foram. Do importante relatório da comissão Keller, que visitou aquelas paragens, (1865), destaca-se o seguinte: "Pelo que mostram as ruínas (de *Vila Rica*) fôra a cidade cons-

---

(7) — Dr. S. Paraná. Chorog.

truida regularmente com ruas bem alinhadas, cruzando-se em ângulos rétos. As casas eram na maior parte, sinão todas, feitas de *taipa* (terra socada) e cobertas de telhas, de que se encontram fragmentos alastrando o interior dos retangulos formados pelos restos das paredes, reduzidas hoje a montes da altura de um metro mais ou menos, com talúdes de terra desmoronada. Nos vestígios da igreja, que se acham n'um canto da praça, no centro da cidade, os montes de *taipa* têm altura dobrada dos outros, e sobre êle nasceu um enorme monjoleiro.

Encontram-se na entrada da cidade escorias e outros indícios de ter havido ali uma fundição de ferro, mineral abundante nas visinhanças. Ruínas semelhantes encontram-se no antigo assento da *Ciudad Real*.

O Tte. Cel. Afonso Botelho de Sampaio e Souza, encarregado de explorar os sertões do Tibagi e de descobrir os campos da Guarapuava, em notícia ministrada ao Capitão General D. Luiz Antonio, narra que "no dia 3 de Março (de 1771), 3.º domingo da quarésma, chegou o capitão Francisco Lopes da Silva com a sua com-

panhia à barra do rio *Mourão*, que faz no rio D. Luiz (8).

Ordenada a exploração, muitos vestígios foram encontrados de antigas habitações no local, pelas margens do rio *Mourão*, a cem braças da sua barra, olarias, telhas, muita louça espalhada pelo mato, limões, cidras, laranjas, bananas, e na parte ocidental do rio foi logo encontrada a vila, ainda bem percebida, “pelos logares que foram casas e templos, e o logar de uma grande ferraria”, e “ruas bem armadas”.

Tem pelo meio das ruas árvores grandíssimas, e o mato que a cobre todo, ha laranjeiras, limoeiros, cidreiras, por espaço de mais de uma légua, todo o mato é da mesma qualidade com grandes bananais pela margem do Rio D. Luiz, e p’ra dentro do rio *Mourão*, etc.”

A *República del Guairá* passou depois a ser dominada por padres da célebre *Companhia de Jesus*, e chegou a ter uma população indígena de cem mil almas.

---

(8) — D. Luiz é o rio *Ivaí* assim chamado em honra a D. Luiz Antonio, em cuja margem esquerda era a *Vila Rica*, e na direita o *S. Antonio*, destruidas por Antonio Raposo em 1632; fizeram pouso nos grandes bananais que ali ha para no outro dia procurarem logar onde melhor se situassem, enquanto faziam diligencia para descobrir os fundamentos da antiga *Vila Rica*, por constar ser aquele o seu districto.



Os *bandeirantes* paulistas, que já anteriormente viviam em luta com os *jesuitas*, sem que entretanto o *selvagem* tivesse nas suas mãos melhor destino, sendo, como era, causa principal do conflito, pois apenas saía de uma escravidão mais prolongada para outra mais violenta, destruíram de 1629 a 1632 (9) as trinta reduções que formavam a *Provincia da Companhia*.

Acossados pelos *bandeirantes*, por um lado, e ameaçados por espanhóis que os esperavam nas proximidades da grande catarata do *Paraná*, teve o padre Montoia de seguir adiante a entender-se com os espanhóis que, "só depois de os haver intimidado falando-lhes com a altivez do desespero, consentiram aqueles inimigos em deixá-los passar sem dano."

Assim descreve o padre Montoia o terrível exodo, a desastrosa retirada, cheia de

---

(9) — A destruição das missões do Guairá, diz o Dr. A. de Toledo Piza, teve lugar nos anos de 1629 a 1632, sendo os seus autores os Paulistas comandados por Antonio Raposo. Essas reduções jesuíticas nunca mais foram restauradas e os poucos habitantes, que delas escaparam, foram transferidos parte para o Paraguai, onde fundaram a segunda *Vila Rica*, e parte para o território situado ao sul do rio Iguassú, onde já havia outras missões dos mesmos jesuitas espanhóis entre os rios Paraná e Uruguai, em território brasileiro do lado esquerdo do Uruguai.

tormentos e dificuldades, como nunca sonhára, talvez, a ambição de poderío com que andavam organizando os seus impérios em terras da América:

“Alí (á margem do Paraná, junto ao Salto) pousou a gente toda que saiu das jangadas e das canôas. Por causa da grande altura de onde a água se precipitava, não se quizera que por alí passasse canôa alguma. Não obstante sempre fizemos a experiencia de atirar 300 canôas que estavam vazias, na esperanza de que algumas se salvassem e pudessem servir-nos depois para reembarcar-nos abaixo da cascata. Mas as canôas todas se espatifaram. Por esse motivo deixamos as outras canôas e caminhamos por terra.

Mulheres e raparigas, homens e rapazes, levavam as suas cargas, as suas coisas miudas, cada um segundo as suas forças. Coisas destinadas á adoração de Deus, as violas, rabécas, flautas, trombetas, e outras coisas pertencentes à música, deixaram-nas atôa, pois era muito difficil leva-las por não haver burros, nem cavalos, nem bois para nos ajudarem. Dentro de oito dias chegamos ao rio, no logar onde cuidavamos que embarcaríamos de novo, supondo que os padres residentes para bai-

xo do salto, no Paraná, tivessem para ali mandado canôas e mantimento.

Ali, porém, não encontramos coisa alguma; e as notícias que nós lhes tínhamos mandado depois de muita demora é que chegaram até elles...

A longa e penosa jornada que tínhamos de vencer por terra, caminhando pela margem do Paraná... demorou-nos extremamente o caminho.

Por isso mesmo, depressa veio a fome e a doença poz-nos em estado miserável.

A viagem dos que seguiram pelo rio não foi menos penosa que a dos que foram por terra".

Escreve Rocha Pombo, o grande historiador brasileiro, citando o padre Montoia: Teve toda aquella multidão de abandonar ali na ilha grande as canôas e jangadas e vencer por terra aquella seção do rio inavegável. Tornou-se muito penosa esta segunda parte da jornada (a primeira fôra antes dos Saltos, sendo preciso romper caminho pelas florestas, vivendo do que estas deparavam, e ainda quando ao cabo de tão longos trabalhos e sofrimentos, alcançaram os fugitivos uma parte do país onde esperavam ficar em segurança, rebentou entre elles uma epidemia que os dizimou.

Ao fim de um ano, de toda a população daquelas numerosas reduções do Guairá não restavam mais que umas 4.000 almas.

O escritor argentino F. de Basaldúa afirma, no seu livro sobre *Missiones*, que “los índios de la ribera conservan la tradición de la catastrophe terrible en la que perecieron millares de indigenas que, conducidos por misioneros jesuitas, veniran en ligeras canoas huyendo de aquellos feroces *mamelucos paulistas* que arrasaron el poderío de los jesuitas, llevando-se cautivos a los mercados de esclavos del Brasil los pobres indios que no murieron al filo del machete”.

Com a conquista de Portugal por Felipe II de Espanha, de 1580 a 1640, viram-se os jesuítas espanhóis favorecidos para o seu internamento no território brasileiro, pela aparente e transitória arulação de fronteiras entre o Brasil e as colonias espanhólas da América do Sul; e do vice-reinado de Buenos Aires invadiram as terras do Guairá, onde, segundo Azevedo Marques, elles já haviam constituido algumas aldeias desde 1555.

— Conquanto toda a América do Sul fosse propriedade da Espanha naquela época, refere Toledo Piza, comtudo os Pau-

listas distinguiram o que era *de fáto* da Espanha do que pertencia a Portugal e diziam que Guairá era dos portugueses e seus descendentes e não dos espanhóis. Resolveram, pois, expelir os jesuitas espanhóis do território do Guairá, que era brasileiro e reconquistar para o Brasil aquela região ocupada pelos castelhanos.

E Roberto Southey, o grande historiador, afirma: “Estendiam os jesuitas continuamente os seus estabelecimentos e os seus planos, e infelizmente para os seus conversos e para êles mesmos estendiam-n’os na direção do oriente por um país adentro, que os Paulistas consideravam como pertencente a Portugal e ainda mais particularmente como seu próprio terreno de minas e escravos. O que é certo é que se estes aventureiros se não houvessem movido, ter-se-ia a Espanha apoderado da costa do Brasil ao sul de Paranaguá, e espanhólas em vez de portuguesas teriam sido no sertão as minas de Goiás, Mato Grosso e Cuiabá.

A antiga província do Guairá, diz Toledo Piza, se viesse até o mar, corresponderia hoje ao Estado do Paraná, e abrangia todo o território hanhado pelo Tibagi e

por isso se dava frequentemente ao Guairá o nome de *sertão do Tibagi*.

Em 1629 começaram os paulistas a investir contra as reduções, já em número superior a vinte, em 1630 conta a província do Guairá umas 30 povoações “todas dirigidas pelos jesuitas espanhóis e algumas populosas, ricas e em pleno desenvolvimento.”

Informa ainda o Sr. Toledo Piza: na margem esquerda do Tibagi, em território do Paraná, mais ou menos aproximadas da barranca do rio, estavam as aldeias ou *reduções* de *S. Miguel* e *Jesus Maria*, nas cabeceiras do rio e descendo estavam *Encarnacion*, *S. Xavier* e *S. Joseph* sobre um riacho tributário do Tibagi, *Loreto* na margem esquerda do Paranapanema, pouco abaixo da barra do rio Pirapó, e *Santo Inácio* sobre o mesmo rio.

No rio Piquirí estavam as aldeias de Tambo, nas cabeceiras *Nossa Senhora da Copacabana* e *Hatu* mais abaixo, e *Ciudad Real* na embocadura do Paraná, sobre o Salto das Sete-Quedas.

O rio Ivaí continha muitas aldeias, quasi todas do meio do rio para as cabeceiras, e entre elas eram notáveis *Santo Antonio*, *S. Arcanjos* e *S. Tomé* nas nas-

centes, e na barra do rio *Mourão* estava a grande *Vila Rica*.

Entre os rios Ivaí e Piquirí ha um grande terreno onde se presumira haver minas de ferro; nesse terreno, cerca de 15 léguas distante do rio Paraná havia muitos arraiais de índios mansos, nas cabeceiras do riacho *Las Torres* ou *Itasú*, índios estes que se empregavam sob a direção dos jesuitas na exploração daquelas minas.

Assim tambem, na margem esquerda do rio Piquirí, nas extremidades das serras de Maracajú e do Apucarauá, havia 14 ou 15 arraiais de índios empregados na mineração de alguma coisa que se presume ter sido ferro.

Mais ao sul, no baixo Iguassú, estava a aldeia de *Santa Maria*, ainda no território do Guairá.

Em 1629 Antonio Raposo, o afamado aventureiro paulista que empreendeu vitoriosamente a destruição das reduções de jesuitas no Brasil e no Paraguái, e outros chefes de S. Paulo, á frente de 3.000 homens invadiram o Guairá e em três anos liquidaram tudo, destruindo todas as aldeias, matando, cativando e expulsando todos os índios daquelas missões jesuíticas, diz o historiador paulista a quem nos vi-

mos referindo. Pelas narrações dos jesuítas, o Guairá devia ter então cerca de 100.000 índios aldeados, e destes uns 15.000 foram mortos e cerca de 60.000 feitos prisioneiros e trazidos para o *povoado*, sendo vendidos como cativos em S. Paulo e no Rio de Janeiro. Foi tal, então, a abundancia de escravos que o preço de um bom índio baixou de 100\$000 a 20\$000.

Chardevox, que orça em 100.000 a população das "reduções" em Guairá, diz que não ficaram 12.000; diz Southey julgar exagerado o calculo, pois que dos dois maiores aldeamentos compunha-se um de 900 e outro de 800 famílias.

As façanhas de Antonio Raposo e seus companheiros no Guairá, em 1632, despertaram iguais ambições em outros paulistas, pelos lucros fabulosos alcançados por aquelles, e outras aldeias, ainda existentes em território brasileiro, foram, por sua vez, invadidas e destruidas, passando os jesuítas com os índios restantes para a Argentina e Paraguái onde fundaram novas *reduções*, algumas com os nomes recordando as do Brasil, como a *Vila Rica*, do Paraguai.

A história das famósas *reduções*, diz ainda o illustre autor contemporaneo da



*História do Brasil*, que os jesuítas fundaram na extensa região compreendida entre o Iguassú ao sul, o Paranapanema ao norte, e a léste o Paraná (contidos da parte oriental pelos primeiros povoadores portugueses) ao certo que não está feita ainda para que se tenha uma idéia precisa do vasto plano que por ali delineava a insigne Companhia que tão notável papel teve na história da civilização americana.

As missões de Guairá, continua, sem duvida estavam em caminho de fazer-se o imperio formidável que no tempo se chegou a temer, mas nada valiam, quando foram destruidas, si as compararmos com aquelas outras que depois estabeleceram os jesuítas mais para o sul (Uruguái) na zona não menos magnifica onde se foram refugiar.

“Aquelas é que constituíram o que se póde chamar uma verdadeira república, de natureza puramente teocrática, revestindo características e assentando sobre bases que, com pouco mais, lhe dariam attributos e sólidas condições de estado soberano”.

“Si tudo o que fizeram os padres nas do Uruguái, diz adiante o grande historiador, que aliás admira a obra da catequese jesuita, pode ser pressentido nas missões

do Guairá, não ha dúvida que a bem graves motivos cediam quantos se alarmaram à vista daquele perigo, e, principalmente, entre os portuguezes do Brasil, os paulistas que por experiencia já sabiam com que adversário amanhã teriam de avir-se”.

Não fôra pois o comércio de escravos indígenas, que até meados do século XVII fazia competição legal ao de africanos, vendendo-se levas de índios nos mercados de Baía e Rio de Janeiro, a ação dos intrépidos bandeirantes nessa época teria sido integralmente benemérita.

A bravura com que varejaram os sertões inhóspitos, abrindo caminhos para a exploração das minas, formando núcleos de trabalho e de riqueza, alargando os domínios da metrópole com o conhecimento de terras embrenhadas no âmago das matas, ou em poder, como as *reduções jesuíticas*, de ambição estrangeira, ou adversas á unidade do país que se formava, façanhas levadas a cabo com muito heroismo, embora estimuladas pelo calculo da fortuna, ainda assim justificável e natural, são elementos bastantes para glorificarem esses indomitos pioneiros da grandeza de hoje.

“Sem o heroismo vitorioso do *bandeirante*, e sem o orgulho que a riqueza gerou,

não é provável que nós, em princípios do século XIX, estivessemos, num tão vasto país, aparelhados para fazer a independência.”

E a energica investida que deram ás povoações da *Companhia de Jesus*, eliminando pela raiz o perigo futuro para a integridade moral e material do Brasil, basta por si para eleva-los á admiração dos pósteros.

A *República del Guairá* ao extinguirse legou o seu nome aos grandes Saltos.

Em imediações da Fóz do *Iguassú* houve, por seu lado, a aldeia de *Santa Maria*, nota o dicionário de Saint Adolphe, abandonada no século XVIII; de onde naturalmente esse nome pelo qual são até agora conhecidos no Brasil os *Saltos do Iguassú*, os mesmos a que os argentinos denominam *Vitória*. *Vitória do bello em a Natureza* são êles; verdadeira apotóse, em um país que resume, diz o grande geógrafo francês, a superfície inteira do planeta, à excepção das regiões articas.

Concentram-se naquêla maravilha a beleza e o movimento em arrojado assomo de vida, como no esplendor do diamante a resistencia e o brilho do reino mineral.



## Os Saltos do Iguassú

Com laivos de graça e de ironia tem-se aludido à indefetivel admiração dos estrangeiros pela natureza do Brasil.

Parece que neste lado do continente nada mais empolga o amestrado olhar dos que vêm de outras terras. E' que aleluias de civilisação, êles as têm de sóbra e suntuósas.

E porque não nos rendermos também, pela admiração, a um celebrado orgulho natal, quando podemos erguer olhos de espanto á soberba vastidão do rio-mar, na Amazonia; aos interminos horizontes dos pampas do sul; ás montanhas em riste para o alto, como socalcos do Infinito; á encantadora bahia de Guanabara velando, ao marulhar das ondas, o inacabavel somno do *Gigante de Pedra*?

Foi em tal afirmação de espirito que um dia nos embrenhamos na mata, em comitiva, a caminho dos famosos *Saltos de Santa Maria*.

Munidos de farnél e preparos de pouso, cavalgamos os nossos animais, na séde da antiga Colonia do Iguassú, e partimos por invios atalhos, florestas a dentro, dorso curvado para evitar o galho pendente ou o espinheiro agressivo da *picada*.

A' frente um camarada, facão em punho, abria o matagal, facilitando-nos a passagem. Atravessamos cautelosamente o rio S. João, que por alí passa, galgamos a baranca oposta e abrimos vereda para a frente, pregozando a nova emoção que nos aguardava.

O cenário era a floresta, compaeta, umbrosa, em variegada gama da côr verde, em nuanças de coloridos diversos, como enorme palheta primaveril, coroada de flores e de frutos

. . . a selva onde a rugir vagueia  
o jaguar, de caminho para a sésta,  
e o sabiá n'uma canção gorgeia  
a nostalgia toda da floresta.

De espaço a espaço, do recondito murmúrio da selva tembla o canto da araponga, como o som longinquo de um martelo sobre a bigorna.

Pelas clareiras da floresta voejam, de quando em quando, borboletas de colorações admiráveis, lindas flores aladas, veludo e seda matizando o ar; a passarada aos bandos, em uma alegria de crianças em folga, floream de azas e de chibros as arvores copadas e ridentes.

E' a floresta onde o colosso da peróba, do cédro, do carvalho, ergue-se em colunas possantes, de uma arquitetura não sonhada, um gótico florejaute como a arte mourisca e austero e imponente, ao mesmo tempo, qual uma catedral medieval, elevando-se firmes e solenes, sob o vasto azul arqueado dos espaços, como suportes de algum tempo selvagem, á espera dos misteriosos druidas para a celebração da cerimonia antiga.

O vento barullia pela ramaria afóra, e balouçam lianas indolentes na graciosa volúpia de curvas suspensas. Caminhamos.

A aura matinal que nos saudara na partida ha muito se fôra, era já bem longe a emoção primeira da viagem quando, a horas adiantadas, penetramos largo caminho, uma comoda e béla alameda ladeada de bastos renques de vegetação.

Agora já não é o canto da araponga, nem o eicio do vento varando as frinebas

do matagal, ha um sussurro contínuo e barba-ro acordando o sileneio da mata, inva-dindo a floresta, cheio e grave, apavoran-do-nos o ouvido e que vem pelos sombrios meandros da sélva.

Eu, prevenido para as surpresas da excursão, indago.

E' o rumor dos saltos, me respondem.

E estavamos ainda a três quilometros das cachoeiras.

Açulada a curiosidade, pareceu-nos di-latar-se a floresta ao vigoroso inípulso da-quele rumor que a tudo avassalava. Che-gamos finalmente. Extensa roçada, um *chalet* de madeira para pouso, a floresta ainda e, fronteira, a ampla e tumultuosa epopeia das águas. A minha expectativa é ultrapassada impetuosamente, como a for-taleza que se rende á carga cerrada, ao co-limarmos os primeiros borbotões das águas despenhando-se d'alto abaixo, em medonho fragor, prolongado, indefinido, qual se de montanhas a desmoronarem-se. Ha um assomo de loucura no turbilhão das águas.

O meu cérebro evóca a máscula exclamação do poeta do *Só*:

Que é dos pintores do meu país extra-nho?



Onde estão êles que não vêm pintar?

A campina e a floresta sugerem-nos a visão pictural dos nossos grandes paisagistas:

Baptista da Costa, Parreiras, Bordon, vêm-nos á lembrança no estímulo que os bélos modelos da nossa natureza nos despertam; levam-nos á estesia de um Claude Lorrain, á fatura de um Turner; mas a cachoeira não.

Nem as sugestões da poderosa imaginativa de Da Vinci, ou os intensos processos de Rembrandt, seriam capazes de nos dar a impressão nítida e suprema daquêle assombroso espetáculo de águas revoltas rolando em perturbadora atoarda de cataclismo.

Nem a narração, nem a télia, nem a fotografia transmitem ou dão idéia sequer, da superestesia que nos empolga ante aquêla febre de movimento e beleza.

Já contemplei pelo cinematógrafo o afamado *Niágara*, pude compara-lo no movimento ás nossas grandes cachoeiras e colher a impressão que pôde facultar o mais completo meio representativo das coisas e da vida, como o é essa maravilha de Edison; falta, porém, o rumor e a nitidez da coisa vista ao natural; a alma por assim

dizer da transparencia e o turbilhão das águas, só a impressão diréta, pessoal, dará conta de semelhante quadro.

O *Iguassú* coleia em todo o seu curso, n'uma linha demasiação irregular, e ao aproximar-se das cachoeiras a sua tortuosidade resolve-se em um "angulo quasi réto, diz D. Nascimento, apertado por grande número de ilhótas, rochedos e cacholupos espalhados para o lado da margem esquerda, obrigando o canal a derivar para o poente", e, alçado o leito à altura de 60 m. sobre o golfo em que se despeja bramindo a massa liquida, distribue-se por 276 saltos, por entre grandes e pequenos, na respeitável extensão de 5.630 méetros, dobrada em uma forte curva com a margem direita para o Brasil e a esquerda para a República Argentina.

O Barão Homem de Mello, que confirma a extensão, calcúla a energia eléctrica dos *Saltos do Iguassú* em 14.000.000 de cavalos-vapor, e se repartem pelo Brasil e Argentina.

Os artigos declaratórios da demarcação de limites, estabelecendo a linha divisória pela grande cachoeira, foram assinados na chancelaria do Brasil, no dia 4 de Outubro de 1910, e refletem uma das magnas vi-

tórias diplomaticas do chanceler brasileiro, a quem o Paraná rendeu a consagração de uma estatua em uma praça pública de sua capital, glorificando-se na glória do grande brasileiro (10).

---

(10) — Artigos declaratórios da demarcação de fronteiras entre os Estados Unidos do Brasil e a República Argentina, assinados no Rio de Janeiro no dia 4 de Outubro de 1910, pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores dos E. U. do Brasil, Dr. José Maria da Silva Paranhos do Rio Branco, e o Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da República Argentina que, devidamente autorizados, convieram nos seguintes artigos:

Artigo I — O Governo da República dos Estados Unidos do Brasil e o Governo da República Argentina confirmam a aprovação que, após atento exame dos documentos, cada um, separadamente, já deu a todas as atas de conferencias. Termos de inauguração de marcos, carta geral da linha divisoria entre os dois países, plantas parciaes da mesma linha e de todas as illas e ilhótas, e, em geral, a todos os trabalhos executados, desde três de Novembro de mil e novecentos até seis de Outubro de mil novecentos e quatro, pela Comissão Mixta Brasileiro-Argentina, em cumprimento da Decisão Arbitral de cinco de Fevereiro de mil oitocentos e noventa e cinco, do Tratado de Limites de seis de Outubro de mil oitocentos e noventa e oito e das Instrucções de dois de Agosto de mil e novecentos.

Artigo II — Consequentemente, fica aceita a demarcação efetuada em toda a extensão da fronteira demarcada, demarcação que começou na boca do rio Quaraim (Cuareim), margem esquerda ou brasileira do Uruguai, e em um ponto situado em frente á dita boca, na margem direita ou argentina do mesmo Uruguai, segundo os termos de inauguração dos dois primeiros marcos principaes, em quatro de Abril de mil novecentos e um, e a primeira Ata principal, de dezoito de Junho de mil novecentos e quatro, continuando pelo talvégue dos rios Uruguai e Pepirí-Guassú, pelo mais alto do terreno entre a cabeceira principal deste e a do Santo Antonio, e, depois, pelo talvégue do

Ante a poderosa cachoeira compreende-se o alcandorado entusiasmo de um Eliseu Reclus a contemplar a massa bruta das cordilheiras: "a contemplação desses co-

---

Santo Antonio e do Iguassú até a confluência deste no Paraná.

. . . . .

Pertencem aos E. U. do Brasil ou á Rêpublica Argentina as seguintes ilhas e ilhótas, no rio Iguassú, da confluencia do Santo Antonio para baixo:

Ao Brasil — *Pesqueiro*. Ilha situada a dois kilometros abaixo da boca do rio San Francisco, afluente da margem esquerda, ou argentina, do Iguassú.

Tem marco inaugurado a vinte e cinco de Julho de mil novecentos e três.

A' Argentina — *Ilha Grande*. Grupo de quatro ilhas e uma ilhóta, tendo a maior, que dá o nome ao grupo, uns quatro mil e duzentos metros de comprimento. Ficam abaixo do Recife das Antas, tendo todo o Grupo a extensão de nove kilometros.

Na grande está um marco, inaugurado a dezoito de Agosto de mil novecentos e três.

Ao Brasil — *Ilhótas das Taquáras*. Grupo situado pouco mais de oito kilometros á jusante da boca do arroio Bêlo, afluente da margem direita, ou brasileira, e a oito kilometros dos sarandis que assignalam o logar das ilhótas Quatro Irmãos, mencionadas nos Diários e plantas dos demarcadores portuguezes e espanhóes do XVIII século. A parte inferior da ilhóta maior está uns sete kilometros a montante do Salto Irene. O grupo tem a extensão de kilometro e meio.

Nessa ilhóta maior ha um marco, inaugurado a vinte e quatro de Agosto de mil novecentos e três.

A' Argentina — *Ilha San Agustina ou Sola*. Está situada um kilometro abaixo do Salto Irene.

Tem marco inaugurado a trinta de Agosto de mil novecentos e três.

lossos que dominam o horizonte exerce em grande número de pessoas verdadeira fascinação". (11). Ou de Humboldt, o sabio do *Kosmos*, ante a assombrosa vegetação das sêlvas amazonicas.

Em espesso e enorme volume, acossada em carreira violenta, arroja-se a água pelas bôrdas do rochedo, fremente de insanía, em caixões, espadanando pelas saliencias e tableiros da rocha tallada em formidaveis paredões, bifurcando-se por caminhos

---

Ao Brasil — *Ihas, ilhótas e recifes que precedem as catarátas do Iguassú* e estão próximas da margem direita ou brasileira. Não tem marco.

A' Argentina — *Ihas, ilhótas e recifes que precedem as catarátas do Iguassú* e estão do lado da margem esquerda ou argentina. Não tem marco.

Catarátas do Iguassú: — Como declara o Termo de dois de Outubro de mil novecentos e quatro, o talvégue do rio Iguassú, na parte superior ás catarátas, vulgarmente chamadas Salto Grande do Iguassú, está situado no Salto União. Por ai passa, portanto, a linha divisoria e, na parte inferior, começa no sopé do referido Salto União e continua, deixando do lado argentino as outras quedas, até transpor a "Garganta do Diabo" (Diario Oficial de 8 de Outubro de 1910).

O marco principal argentino na confluencia do Iguassú com o Paraná, junto à margem esquerda dos dois, foi inaugurado a 20 de Julho de 1903, e está a 25°,35' e 35" 0,7 de Lat. e 54°,35' e 30" 0,5 de Long.

O marco principal brasileiro, na mesma confluencia, à margem direita do Iguassú e à esquerda do Paraná, foi inaugurado a 23 do mesmo mez; e está a 25°,35' e 19" 0,5 de Lat. e 54°,35' e 28" 0,5 de Long., conforme os aludidos artigos declaratórios.

(11) — E. Rectus — *Nosso Planeta*.

e desvãos, ou convulsionando-se em largo lençol brunido que turbilhona, algodoado de espumas, até as profundezas do abismo.

E' o estrondo cruél, que aos espaços afronta,  
De algum monte a rolar por abismos sem conta?

E' do rio o fragor violento que reboa,  
Do rio que, revolto, em cachões escachoa;

Ecoando a despertar, de quebrada em quebrada,  
Azaléas em flôr, chilros em revoada.

E faz-nos calafrios e estimula-nos para a vida, dando-nos, ao mesmo tempo, impetos de acompanhar o indomavel jorro que se despenha.

E do estranho marulhar lá em baixo, vapores d'água espalham-se até alto, condensados, em bruma espessa e branca, velando blócos da rocha, ou tufos de verdura que medram pelas cavidades e entrancias da pedra, na humidade perene, desdobrando-se em formosas ilhótas pela ribanceira das quédas.

O espaço em torno é impregnado de fina e copiosa chuva que lava, em constante irrigação, a rampa fronteira, e mais ao *touriste* ousado, como se deu comigo e um

companheiro de excursão, que da sua riba iamos contemplar a maravilha das águas.

Longos trechos ha em que a rocha se divide em taboleiros, ou extensos degrãos, ocasionando, pitorescas e regulares, duas ordens de quédas, uma prolongamento de outra, e onde os recórtes da pedra subdividem a massa d'água em numerosas fitas e toalhas liquidas, acentuadas pelas arestas e ressaltos do rochedo a nu por vêses, ou coroados de túrgida vegetação que alí se enrama e desenvolve.

Nos grandes saltos os vapores aquosos que se alteiam do turbilhão final das quédas são irisados por deslumbrantes arcos sobrepostos, e pela orla do rochedo, em animada colgadura, ou aflorando as águas, passaros de vívida plumagem completam a estética do quadro.

Em águas baixas o alto da rocha permite em seu lajedo a indiscrição do passo humano, e quem logra o praser de palmilhá-los tem novos encantamentos da inesgotável beleza a opulentar-lhe os olhos perscrutadores, quer pela irradiação do ouro fluido nas manbãs de sól quente, quer ao reflexo fulgural dos poentes rubros. Desde a margem do rio a floresta inicia, do arbusto ao arvoredo possante, a guarda selvática da-

quele esplendor cathedralesco de pedras e va-  
galhões.

Flóra acolita a celebração das águas en-  
cachoeiradas no longo supedaneo da rocha  
com uma variada expansão de força: é o hu-  
mus fecundo e eterno rebentando na odis-  
sêa do fruto.

São as arvores altaneiras, de grossos  
troncos, sob copas frondosas, de galhos re-  
curvados ao pêso de umbroso folhame, onde  
se acoitam o jaguar e o lobo, zunbe o inseto  
e gorgeia a passarada.

E por adorno vem o esguio e entrelaça-  
do cipoal pendente; lianas que se enroscam  
na ramada florida, como adormecidas cor-  
das de alguma tiorba lendaria, e mais a ru-  
bra floração dos cactus paramentando as  
velhas arvores, a parasita esbelta e enfolha-  
da; begonias olorosas, palmeiras em fila,  
aristocráticas e lindas.

A floresta é como um templo misterio-  
so de culto antigo, para o qual os rochedos  
de *Santa Maria* se houvessem erigido em  
gigantesco órgão de velhas lendas, cele-  
brando na ressonancia bárbara das catadu-  
pas a grandeza da Terra.

\*

\* \*



Tambem das missões de Montoia, que na *redução de Santa-Maria* chegou a imprimir o seu *glossario* da lingua guaraní, e das refrégas dos *bandeirantes*, guardam os Saltos do Iguassú a tradição mantida ainda em o nome hierático pelo qual são conhecidos no Brasil.

Entre a majestosa e longa série de saltos que formam a extensa cachoeira, destaca-se o *União Brasil-Argentina* por atravessa-lo a linha divisoria da nossa fronteira com a república do Prata.

Desse Salto escreve o dr. C. de Abreu: "êle avança rio acima, cavando na rocha um canal de 60 metros de alto por 40 de largo e nessa imensa fauce recebe a maior quantidade de água em turbilhões indescritíveis. A neblina que se desprende e que se eleva ás alturas assemelha-se a uma enorme quantidade de fumo vomitado por colossal chaminé".

A' gentileza desse illustre conhecedor da nossa fronteira devemos ainda a preciosa planta do *Santa-Maria* organizada sob ordem do general Dionisio Cerqueira, chefe brasileiro da Comissão Mixta demarcadora dos limites com a República Argentina que era representada pelo illustre general Gar-

mendia, e que enriquece o número dos nossos documentos sobre a importante cachoeira do Iguassú.

---

Agora é continuarmos a elevar o espirito à solene visão do futuro, calculando-se a excepcional importancia da região ladeada pelo *Paraná*, e pelo *Iguassú*, com a fertilidade de suas terras, a pujança das florestas e, sobretudo, a feição original, única talvez no continente, com os dois poderosos mananciais de força e beleza — o *Guairá* e o *Santa-Maria* — colocados nos seus extremos, a 36 léguas um do outro, e ligados por bello trecho do *Paraná*, que proclamam em unissono a exuberancia da terra paranaense e do Brasil.

E' olharmos para a frente e prosseguir-se o que já se ha feito ali, completando a *Cidade de Iguassú* com o rilhar do trem de ferro através o hirsuto meandro da selva, e a criação do *Parque Nacional* no *Guairá*, como idéára André Rebouças; ou na fóz do *Iguassú*, como o queria Edmundo de Barros e como o pensamos nós, porque ali se reúnem as três fronteiras dos países limitrofes e mais vasto é o panorama das águas encachoeiradas.

## Lenda de Naipir

O escritor argentino Basaldúa conta, em a narração da viagem que fez pelo seu país à grande cachocira do Iguassú: Uma noite, enquanto palestravamos sentados á beira mesmo da cataráta da Caroba, que denominam "*União Argentino-Brasileira*", um velho índio, Yarú, da peonada que estava ao meu serviço, referiu-nos a lenda de Naipir, tal qual a referiram seus pais, e de geração em geração a conservam em sua tribo: "Muitas vêses, dizia, tem girado a lua ao redor da terra desde que se deu a catastrophe. Os bosques que cobrem o vale e os desfiladeiros do U-guazú não haviam nascido ainda, embora as grandes arvores da floresta tenham troncos que dez homens não podem abarcar, porque vivem ha mais de mil anos arraigados á terra. Outros bosques maiores que os de agora embelezavam a terra com suas flores e seus frutos quando Naipir nasceu; Naipir, a formosa filha de Mboi o grande Pagé, em cujo templo vivia o Deus-

Serpente que governava o mundo; como agora governa o Deus-Canhão e o Deus-Ouro a raça dos homens brancos.

Era bêla Naipir, e alem de ser bêla era joven, e o Deus Serpente a quis para si, para seu culto, e a fez solenemente consagrar e encerrar no templo; como encerram agora os Pagés da tua raça donzelas inocentes para ajudá-las a realizar os mistérios da sua religião.

*Carobú*, joven guerreiro, era chefe da tribu *Kainganga* (12) e dele se havia ena-

---

(12) — O Dr. Ermelino de A. Leão, ilustrado investigador da nossa história, tratando dos *Kaingangues do Paraná*, em memória apresentada ao 2.º Congresso de Geografia do Brasil, diz: "A tribu Kamé ou Kaingangue, que habita as selvas do oeste do Paraná, atravessa ainda hoje um estagio muito rudimentar: a sua numeração não passa do número de cinco, embora os índios aldeados, em contáto com a civilização, tenham procurado elevá-la a maior quantidade, com o acréscimo de sílabas antepostas aos vocábulos designativos das 5 unidades primitivas, segundo asseverava o saudoso capitão Edmundo de Barros".

Estes selvícolas, que Basaldúa filia à grande nação *Tupi*, o nosso autor, adotando a teoria do Dr. Von den Steinem, que fixou os seguintes tipos étnicos dos selvagens brasileiros: *Tupis, Gês, Goytacás, Caraibas, Nuaruak, Pano, Miranda, Guaicurus*, filia os Kaingangues ao grupo dos *Goitacá*, pertencendo à sub raça dos goiânás ou bugres, correspondendo ao Crens — von Martius. A língua Kaingangue, das mais rudimentares entre as faladas pelos indígenas da América do Sul e condenada a desaparecer sem que atingisse a uma fase bem caracterizada de aglutinismo, é de extrema pobreza, continua ele, não obstante ser ela, como informa von Martius, uma amalgama de palavras de varias origens, como que a demons-

morado a formosa Naipir, porque Carobá era forte, são e valente, sobre todos os moços dos arredores.

Em a noite da consagração da donzela, enquanto o velho Pagé e os caciques, no banquete, esvasiavam uma após outra grandes Kaniguás transbordantes de espumoso licôr, Carobá raptou a formosa Naipir e fugiu com ela em ligeira *piróga* arrastada pela rápida corrente das águas.

---

trar distanciadas do tronco, ou então, que não possuem o principal característico de individualização étnica, que é linguagem vernácula.

Tem os Kaingangues na sua teogonia grosseira, mas imagnosa, uma interessante *tradição do dilúvio*, colhida pelo nosso escritor sertanista Coronel Telemaco Borba, do Cacique Arava sobre o cacique Condei, do P. Chagas que nos transmite o autor dos *Kaingangues do Paraná*.

O maioral da tribo Guarapuavana tinha boas disposições para a catequese, e deste estado d'alma se aproveitou o missionário para instruí-lo na fé cristã.

Ocorreu, porém, que o vé'ho cacique depois de iniciado, caiu enfermo. Vendo agravados os seus incomodos, em perigo de morte, em vez de dirigir suas implorações e preces ao Deus dos cristãos, foi invocar o auxílio dos feitiços, para a salvação de sua vida.

Com esse intuito mandou modelar em cêra as imagens de dois periquitos e revesti-las de penas das mesmas aves. Concluídos os feitiços, foram suspensos, pendentos de fios, sobre o leito em que jazia o velho guerreiro. As ondulações do vento faziam-n'os oscilar, e *Condoi* lhes dirigia votos reverentes, imprecando o seu favor.

*Yongjô' Yongjô Kangatoni caraca pano tom'* exclamava o selvagem, que o P. Chagas traduziu: Papagaio! Papagaio! se eu sarar não mais despedirei setas contra vós.

Quando o Deus-Serpente, despertando após larga e sonolenta digestão, viu que a virgem Naipir se havia evadido do templo, e advertido pelo rumor do rio, eujas águas eram golpeadas pela *pagaya* de Carobá --- que fugiram por ali a formosa virgem com o seu amado, raivoso e sedento de vingança contráe os aneis de seu corpo e o esconde nas entranhas da terra e a superficie fendida subitamente produziu esta terrivel eataráta.

Naipir foi convertida na insensivel rocha que o fogo subterraneo caldeia sem cessar, como o amor caldeou seu coração enamorado, e desde então as águas correntosas do grande rio banham-lhe o busto para apagar os ardores do seu amor sacrilego.

Carobá, o sedutor, foi convertido em arvore à beira do abismo, perto da *piróga* inutilisada, e condenado a contemplar a imagem de sua amada, que o vê com olhos de pedra, sem poder beijá-la.

Aquela fôrma branca, oculta por um eéo d'água a olhares profanos, é Naipir que vive, que ouve, que sente, e estremeec de desejos, mas que não póde falar.

Esta arvore solitaria que vês no centro do rio à beira do abismo, é Carobá, eternamente enamorado da formosa Naipir, a

quem manda o perfume de suas flôres e murmúrios de amor quando agita a folhagem de sua fronde, mas que nunca poderá chegar ao regaço da béla que o espera.

Sob nossos pés está a entrada da gruta e onde a vingadora serpente espreita incessantemente as suas duas vítimas, e é por isso que nós receamos penetrar na caverna.





## O Parque Nacional

Entre os que mais notavelmente viram e estudaram as cachoeiras do Iguassú conta-se o capitão Edmundo de Barros, militar e escritor já falecido, goiano de talento e muita alma, inteiramente identificado com o nosso meio social e domiciliado por anos na antiga Colonia Militar do Iguassú, como seu diretor.

Em 1897 levantou êle a planta dos Saltos, detalhada, e organisou vasto plano de um parque a ser construido na margem brasileira, em frente à monumental cachoeira, como antes o lembrára Rebouças com relação ao *Guairá*, e como êle, naturalmente, suggestionado pelo parque americano de *Yellow-Stone*.

Os Saltos receberam como denominação grandes nomes do patrimonio brasileiro: Deodoro, Benjamin Constant, Castro Alves, Gonçalves Dias, Rio Branco, Bocaiúva, Silva Jardim, Andradas, 15 de Novembro, Tiradentes, Brasil.

Edmundo de Barros era também poeta inspirado.

Em 1904, o então tenente da “misantrópica figura *à la vez sabio e poeta* das correspondências a jornais portenhos”, qual o chamaram em terras argentinas, publicou em revista de Curitiba, capital do Estado do Paraná, um dos seus argutos e documentados artigos em defesa dos direitos do Brasil na demarcação de limites pelo *Iguassú*.

Telegramas, escrevia ele, que todos lemos, deram conta do fato ocorrido na demarcação de limites, de haverem os nossos cedido afinal à exigência dos argentinos, de se passar com a linha divisória, nos saltos do *Iguassú*, não pelo centro da largura do rio, sim pelo grande talweg (talweg brasileiro) pelo nosso parque (há dois), envolvendo sua perda todos os saltos e ilhas que o ladeiam à esquerda, tudo compreendido na nossa “metade do rio inavegavel”.

E adiante: “Justamente a maior queda do grande talweg é o salto “Quinze de Novembro” (propositalmente já apontado por aventureiros dali como sendo o - União) cuja cessão nos arrebatou a de muitos outros, trazendo todos, incontestes desde 1892, nomes dos proceres da nossa Pátria Republicana. Com estes perderemos mais, até che-

gar ao verdadeiro “União Americana”, numerosas e vastas ilhas, raras e algumas arborizadas.

Foi infundado o seu receio, pois o grande *Salto União*, e não o *15 de Novembro*, é que estabelece a divisa entre os dois países.

Nesse artigo ainda se refere á *Iguassú-Falls*, séde para o futuro Parque Nacional Brasileiro, começada a estudar em 1897 dentro de uns 2.500 hectares da curiosa península ou volta triangular do Iguassú, em cujo extremo sul o velho caudal de Curitiba des-novela saudoso alto nevoeiro de lagrimas e entoa seu canto de cisne pelas sem bocas dos saltos de *Santa-Maria*, o Niágara sul americano. Em 1876 André Rebouças, em notas e considerações à viagem do denodado, como êle o chama, capitão Nestor Borba ás Sete-Quédas, escrevia a propósito da descoberta feita em 1870, no interior dos Estados Unidos da América do Norte, de uma região contendo belezas naturais indescritíveis, nas cabeceiras do rio *Yellow-Stone*, junto as *Rochy-Mountains*, e que foi pelo Congresso, nobre e patrioticamente reservada — “essa maravilha natural” — para um *Parque Nacional* gigantesco, tendo uma superficie de cerca de 3,135 milhas quadradas.

No perimetro desse parque, dizia êle, digno da nação prodigio, admiram-se as nascentes do rio Yellow-Hole, os grandes Geysers com esguichos d'água quente como os da Islandia; o bellissimo lago Yellow-Stone; as cascatas inferiores e superiores do rio Yellow-Stone, o Grande-Canyon com seus medonhos boqueirões e desfiladeiros; e inumeras nascentes vulcanicas e de águas quentes.

Bem se vê que é um prodigio a fazer concurrencia ao próprio Niágara.

Hoje é de rigor, prossegue, na alta sociedade dos Estados Unidos, passar o dia da independencia, o 4 de Julho, contemplando o Niágara; quando estiver terminado o segundo caminho de ferro interoceanico, os patriotas irão celebrar o grande dia nacional entre as maravilhas naturais de Yellow-Stone!

Aplicando o caso ao Brasil, lembra o illustre patrióta que a grande República norte-americana considerou fazer excelente obra nacional reservando para uso publico uma das suas maravilhas.

Para atrair a emigração, o grande *desideratum* das nações americanas, diz êle, é necessário que um país seja *bom e belo*.

Tratando de apresenta-lo *bélo* “é evidentemente necessário pôr em relêvo, cercar das maiores comodidades possíveis, todos os prodígios naturais que êle encerra; quer êles se chamem Niágara, quer Salto Guairá”.

E aventando a ideia de um Parque Nacional do Guairá, como anos depois veio a fazer Edmundo de Barros com relação à zona do *Iguassú*, escreve: “Lancemos agora os olhos para um grande futuro; repitamos a viagem do intrépido capitão Nestor Borba, não a cavalo, mas em confortavel carro palácio, como hoje se vai ao Niágara, não em canôa, mas em um desses bélos vapores, adornados com a riqueza e magnificência de salas de baile, como ora se viaja pelo Hudson e por England Island-Sound.

Partamos de Curitiba, a 900 metros acima do nível do mar; percorramos essas florestas de *araucarias* e de *ilex*; atravessemos esses campos gerais, tão poéticamente descritos por Saint-Hilaire; tomemos um bélo vapor do Tibagi; desçamos o Paranapanema; repitamos ao alvorecer a singela saudação: — *Bom dia, Paraná*. — Visitemos o delta do Ivinheima e vejamos no sul uma repetição dos Igarapés do vale do Amazonas, visitemos essas bélas pedras de Itaquatiá,

meditemos um pouco sobre as ruínas de Ontiveiros e de Ciudad Real, sobre a efêmera república teocrática do Guairá, entremos no Piquiri, o mais belo rio da província do Paraná, na opinião do ousado capitão Nestor Borba, e repousemos, enfim, na cidade do Guairá, para nos prepararmos à contemplação do assombroso Salto das Sete Quédas.

Aí encontraremos, como em Niagara-Falls, pontes suspensas, elevadores, planos inclinados, enfim a arte do engenheiro tentando elevar-se à altura do *Fiat* de Deus.

Depois passemos dias e dias a admirar todas as maravilhas naturais, grupadas no *Parque Nacional* do Guairá, e por todo o Paraná até o Iguassú, terminemos nossa excursão no Salto de Santa Maria, e voltemos a Curitiba pelo caminho de ferro de Guaruava, certos de haver realizado a mais bôla viagem circular que se pôde fazer neste mundo”.

E’ um sonho grandioso, quer seja o *Parque Nacional* no Guairá, como quis Rebouças, quer no Iguassú qual o pretendeu E. de Barros; um vasto sonho que, para ser uma possibilidade, bastaria que o Govêrno Federal não resumisse o Brasil na Capital da República, como o tem feito.

O país que em um quatrienio produz a quasi feérica transformação do Rio de Janeiro, e que não conta cifras quando se trata de levar ao cabo algum projéto de monta, não deveria encontrar embaraços para um empreendimento desta ordem, tanto mais que, além de incomparável melhoramento advindo para nós brasileiros de tal cometimento, o gigantesco projéto do *Parque Nacional* importa em uma despesa reprodutiva pela atenção despertada no estrangeiro. Não seria unicamente o magnifico incentivo à emigração, mas vultoso reelame ao excursionismo nacional e estranho.

E' assim o Parque de Yellow-Stone, no povo prático por excelência, como ao norteamericano chama Rebouças.

Assim são os pontos europeus de concurrencia mundial, as *Stations d'hiver* do Mediterraneo, as cidades célebres da Italia, os montanhosos recantos da Suissa.

A ideia dos laboriosos e dedicados brasileiros aí ficou para germinar quando os nossos govêrnos despertarem as suas vistas para aquelas bandas suntuosas do Brasil como acaba de faze-lo com o Itatiaia, decretando a criação de um parque, com a área atualmente occupada pela estação biologica

alí existente e subordinada ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Bem merece a jovem cidade de Iguassú, atalaia daquele rincão fronteiriço, abrangendo o território todo entre o Guairá e as cachoeiras de Santa-Maria, e ladeada por um dos maiores rios do globo, o *Paraná*, e um dos mais belos da terra paranaense, o *Iguassú*, e um prodígio de fertilidade.

Em o ano de 1912 o poderoso organ da imprensa paulista, *O Estado de São Paulo*, publicou, em 24 de Maio, extenso artigo sobre excursões ao Iguassú, projetadas pela Agencia Cook, e illustrado com quatro vistas magnificas das cachoeiras e da confluência dos dois rios que delimitam aquella zona, devidas a fotografias do nosso patriocio Aristides de Oliveira e tratando de interesses e projéto argentinos relativos aos grandes saltos.

O sr. Cook, para quem o espetáculo dos saltos é de uma beleza tão rara e trágica que a gente difficilmente poderá esquece-lo, não obstante ir-se preparando o animo do viajante a ouvir o estrondo que produz a formidavel quéda das águas, acrescentou ao seu sistema de viagem mais o itinerário á cachoeira do Iguassú, com o prospéto detalhado sobre a viagem e condições locais.



“A ampla difusão, diz o articulista, que na Europa hão de ter tais prospétos, constitue, por si só, uma excelente propaganda da Argentina. Eles atrairão, sem duvida, grande quantidade de turistas, cujo número crescerá á medida que as suas referencias entusiasticas façam reconhecer a existencia das soberbas cataratas e as belezas extraordinarias e típicas do Alto Paraná”.

Narra o mesmo artigo os infinitos encantos naturais da região banhada pelo Iguassú e o Alto Paraná (na opinião do illustre engenheiro militar general Belarmino de Mendonça a denominação de *Alto Paraná* deve ser dada ao rio das *Sete Quédas* para cima), que tencionam os argentinos acrescentar em vastissimo parque de 25.000 hectares, destinados sobretudo a conservar as espécies zoológicas e florestais da República, em “parque reserva”, enfim, como o norte-americano de Yellow-Stone, no Wyoming, e outros existentes em países civilizados.

Numa curva do Alto Paraná, em frente ao Puerto Bertoni, da margem paraguáia, fundar-se-ia o povoado “Iguassú”. Em redor da grande praça circular central, que constituirá o ponto de desembarque, serão dispostas, em successivos hemiciclos, três avenidas cortadas por muitas outras que for-

mando raios das primeiras, partem da referida praça, para depois saírem do povoado em longas curvas graciosas, e praças e esquadras, hipódromo, estádio-aeródromo, etc. Junto ás cataratas construirão hotéis, o casino, belvederes, tudo obedecendo a estílos arquitetónicos adequados, localisando-se em lugar discreto, fóra das vistas do publico, as usinas eléctricas.

Desses e de outros altos projectos do governo argentino para aquella região trata a publicação da Agencia Cook, inclusive da criação tambem de um Parque Nacional com uma escola de silvicultura abrangendo a superficie de 2.500 hectares, e mais uma quinta agronomica e estação zoológica, salvando, ao mesmo tempo, a estética local, impedindo que ali se ergam ostensivamente as horrendas usinas hidro-eléctricas que tanto afeiam o Niágara”.

Salientava ainda tal publicação: “até bem pouco tempo gastavam-se dez dias na viagem de Buenos Aires ao Iguassú. Hoje o percurso é feito em cinco dias. Mas, com o projectado prolongamento da estrada de ferro de S. Tomé a Posadas e até o Iguassú, bastarão 48 horas para a mesma viagem”. As hélas-intenções argentinas, se não realizadas ainda, servem-nos ao menos para ver-

mos que os nossos adiantados vizinhos do Prata não desdenham de dar atenção às possibilidades maravilhosas da sua fronteira.

Ha bem pouco tempo é que a nossa viagem, de Curitiba á Fóz do Iguassú, dependendo antes de 20 dias por terra, ou 30 por água, pôde ser feita em dez dias ou menos, via Guarapuava ou Porto Presidente Epitacio.

Em 1902 afirmava G. Regsisperger, por *La Nature*, que o presidente Roca encarregara M. Thays, diretor dos passeios públicos da Argentina de estudar o projéto do grande Parque, de 20.000 a 25.000 hectares de extensão, á semelhança do *Yellow-Stone Park* dos Estados Unidos, com aproveitamento das catarátas do Iguassú, preocupando-se o govêrno argentino, diz êle, em subtrair essa maravilha ás ambições industriais, que nos Estados Unidos ameaçam destruir toda a beleza do Niágara.

Do apurado gosto argentino e pronta decisão podemos ajuizar, entre outros empreendimentos de vulto, pelo *Jurdim Zoológico* de Palermo, na capital portenha, o mais suntuoso da América do Sul.

Nilo Peçanha, patriota de nobre descortino, quando presidente da República, fez

iniciar o preparo da Quinta da Bôa Vista para um empreendimento igual ao de Palermo, completando o majestoso monumento do Museu Nacional. Mas no Brasil tudo se interrompe com as mudanças de governo, e o *Jardim* da Quinta ex-imperial, era uma vez.

E' um programa vasto e justo, o do Governo argentino com relação ao Iguassú, e que documenta cabalmente o profundo interesse e o entusiasmo de que impregnamos as páginas deste trabalho na descrição daquela zona prodigio, para que se nos não increpe de *chauvinismo*, como se faz comumente ao historiador baiano Rocha Pita pelo aleandramento dos seus tropos brasileiros.

E' um crime de lesa-patria, para quem haja visto e estudado a poderosa fronteira Oeste do Paraná, o não bradar bem alto aos nossos govêrnos estadual e federal em prol do formoso brasão que representa a região do Guairá aos Saltos do Iguassú.

O Brasil teve alí a sua Colonia Militar desde 1888; hoje desenvolve-se promissora-mente a cidade de Iguassú, mas lhe falta a ligação ferroviaria com o centro do Estado, que será a artéria mater do seu progresso.

Em 1870, ao terminar a guerra do Paraguái, todo mundo no Brasil alarmou-se com o segregamento do país em que vivia o desamparado *Mato-Grosso*, com os seus 1.379.651 quilometros quadrados de superficie, depois explorados pelo valoroso sertanista General Rondon; estudos foram feitos para vias de comunicação, por Beaurepaire Rohan, Jeronymo Jardim, os Rebouças, Monteiro Tourinho, Lloyd, capitão Paim, e quantos mais tiveram a competencia entregue ao serviço dos projetos governamentais. Por 1912 o marechal Mallet, como Ministro da Guerra, e dos mais notaveis, ordenou a construção de uma via férrea estratégica, de Ponta-Grossa a Mato-Grosso: até hoje, entretanto, os meios de comunicação com o extenso e futuroso Estado limitam-se á viagem pelo Prata e via Paraguái até Corumbá, que por terra pouco estamos longe das condições de ha 30 anos.

Com o Iguassú observamos este curioso fâto:

Em 1900 o Congresso de Geografia de Washington e St. Luiz proclamou a cachoeira do Iguassú a maior do mundo, e o grande organ americano *The St. Louis Port Dispatch* declarava, na sua edição de 16 de Outubro daquele ano: "acaba de ser desco-

berta a maior cataráta do mundo. Chama-se o Salto do Iguassú, o mais importante descobrimento do século XX.”

Todavia, desde 1888, ha 18 anos antes do Congresso de Washington, o govêrno brasileiro mantinha a 5 quilometros da famosa cachoeira uma colonia militar.

E a “descoberta” revelada ao Congresso Internacional de Geografia norte-americano, foi devida ainda à República Argentina, e não é que brasileiros, em diversas épocas, não se tenham esforçado por levar a atenção dos poderes publicos áquelas paragens, tentando “descobrir” para o próprio Brasil os grandes Saltos do Iguassú, como a assombrosa cachoeira do Guairá de que ninguém teve a lembrança de falar ao solene Congresso, porque o único interessado no caso era o nosso país.

Quando o enérgico estadista americano Theodoro Roosevelt esteve entre nós, de passagem para os sertões de Mato-Grosso em companhia de Rondon, ninguém lhe deu a perceber, naturalmente, que a poucos passos do caminho, no Paraná, êle, erudito e curioso, amando as fortes manifestações da vida, teria a deslumbrada emoção da nossa fronteira oeste com as suas formidáveis cachoeiras.

Não é sem oportunidade, uma vez que o turismo agita a nossa época, o novamente levarmos á altura de um ideal o amplo desceramento da região sem par, entre o *Iguassú* e o *Paraná*, com duas cachoeiras das quais cada uma já é superior ao Niágara, a Vitória Nianza, ás catarátas do Nilo, com elementos de vida mais robustos, senão mais belos, que as cabeceiras do Yellow-Stone, onde o Brasil pôde criar um núcleo de incalculável beleza e rendimento futuro para o seu intercambio de civilisação.

Desde a fóz do Ivaí até a do Iguassú, escreveu o notavel engenheiro André Rebouças, a quem o Estado do Paraná deve a mais carinhosa recordação pelo amor com que proclamou as nossas belezas naturais, o rio Paraná reúne todas as gradações possíveis do bello ao sublime e do pitoresco ao assombroso.

E muito se esforçou para atrair a atenção do govérno a tal respeito.

Falando das cachoeiras:

Só no Guairá — 7 formando uma prodigiosa escala de menor a maior e de maior a menor, o “maximum” de beleza e de majestade pertencendo à quinta cataráta. Todas entremeadas por vertiginosos rápidos, em ângulo de 45° a 50°, por onde se escoa,

com estrépito assombroso, entre negras rochas de basalto, distantes de 60 a 70 e altas de 28 metros, um dos maiores rios do mundo.

Será difícil que o "Canon" (13) do Yellow-Stone seja mais pitoresco do que o do Guairá opulentamente adornado de palmeiras, de fétos arborescentes e das mais belas arvores da flóra brasileira, quando lá a rocha é núa e queimada pelas emanções vulcânicas, deixando apenas vêr, de longe em longe, um melancólico grupo de tristes coníferas.

Logo abaixo do Guairá vêm os redemoinhos da fóz do Piratini. Piratini, ou Igua-reí dos antigos demarcadores, que ainda se lança no Paraná entre os negros paredões do majestoso "canon" do Salto das Sete Quédas.

Quando finda o "Canon", do Salto das Sete-Quedas, prossegue o ilustre engenheiro, começam a aparecer nas margens do Paraná bellissimas praias. E' preciso ter passado uma noite de luar em uma dessas

---

(13) — O illustrado geólogo professor Charles F. Hartt, diz A. Rebouças, é de opinião que devemos adotar a palavra *canon*, ou *canion* para exprimir uma garganta, um boqueirão, ou desfiladeiro profundo, cavado por uma corrente d'água, que se precipita. Essa palavra foi tomada pelos *Yankees* aos mexicanos para exprimir esse accidente geológico, muito comum nas montanhas da California.



extensas praias do Alto-Paraná para compreender quanta melancolia ha nessas indescriptiveis paisagens, iluminadas pelo simpatico astro da noite.

Rebouças pugnava pela organização do “Guairá”; o “Iguassú”, porém, é que se nos impõe para esse bello empreendimento, é o vasto plano de Edmundo de Barros, com as modificações que a arte e a sciencia entenderem, nas proximidades das suntuosas catarátas de “Santa Maria”, que deve ser desenvolvido e executado.

A situação geográfica da margem do “Iguassú”, na confluencia com o “Paraná”, o povoado já existente e próspero que é a Colonia (14); e as condições também, da extraordinaria fila das cachoeiras do Iguassú apresentando o melhor do seu grandioso panorama e n’uma considerável extensão para o nosso lado, indicam logicamente a região do *Iguassú* para o sonhado *Parque Nacional*.

O autor do *Pasado, presente y porvenir del territorio de Misiones*, em narração da viagem ás cachoeiras de *Santa Maria*, conta:

---

(14) — Hoje a cidade de Iguassú.

“Pocos metros adelante vi un cartelón clavado al tronco de un árbol por el jefe de la colonia militar del Uguazú, con ésta leyenda:

— Entrada al Parque Nacional — La tablilla ha sido escrita inspirando-se su autor en la lectura descriptiva de aquel otro maravilloso parque de Yellow-Stone, que la sabia prevision del gobierno norte americano ha conservado fiscal para recreo e admiracion de los hombres capaces de sentir las bellezas de la naturaleza. Ojalá el gobierno brasileño decrete igual medida, conservando la propiedad de las tierras adjacentes á la catarata del Uguazú, para entregarlas á la admiracion universal”.

Os mesmos votos fazemos nós, brasileiros e, principalmente, paranaenses, para que seja um dia realidade o sonho monumental de Rebouças e Edmundo de Barros, corporisado na *leyenda da tablilla: Entrada do Parque Nacional*.

## *As grandes cachoeiras*

As duas cachoeiras da nossa fronteira oeste batem o recorde mundial da maravilha, no genero, as Sete-Quédas, pelo colossal da massa de águas; os *Saltos do Iguassú*, a par da enorme extensão, pela grande beleza de aspétos e de estrutura.

Das catarátas do Itapura, no rio Tietê, escreveu o engenheiro Gonzaga de Campos, citado pelo ilustre viajante brasileiro sr. Almirante José Carlos de Carvalho: o rio Tietê vai a NNO, com uma largura média de 340m, expande-se em bacia quasi circular de 600 m. de diâmetro. Quasi a meio da bacia, e bem no rumo do rio, corre uma fenda de 500 m. de extensão e que não terá mais de 50m. de largura.

Pelas bórdas quasi niveladas cai o rio para dentro dessa fenda.

Pequena parte d'água se derrama em paredão transverso e noutra fenda de reduzidas dimensões que fica mais para léste.

O desnivelamento é de 11 m. Admitindo a descarga de 300 m.c. ha estriagem e a sua força virtual será de 44.400 cavalos-vapor. O Itapuca fica no mesmo meridiano do Urubupungá, como o Santa Maria, do Iguassú, fica no meridiano de Sete Quédas. Todas as quatro representam um tipo original de cachoeiras: o rio cai para dentro de si mesmo.

E' justamente esta originalidade que dá ás catarátas do Itapura o efeito grandioso da quéda de suas águas, formando turbilhões medonhos dentro dessa cava profunda e extensa que a torna imponente, dentre as mais consideradas do mundo.

Abaixo do salto o rio mede 100 m. de largura e as águas são relativamente mansas, permitindo mesmo ás embarcações chegarem muito próximo ao pé da quéda.

A cachoeira de *Paulo Afonso*, no rio S. Francisco, a 31 quilometros acima da fóz, a que o Brasil melhor conhece, immortalizada pelo genio de Castro Alves, mede 81 m. de altura e 15 m. de largura, e dela

diz o venerando cientista Barão Homem de Melo, que "rivalisando com a do Niágara em altura e volume, apresenta aspectos diferentes daquela e maior majestade se olhada de perto." "O volume das águas do Niágara é talvez maior, porém na variedade do aspéto, na singularidade dos contrastes, nenhuma cachoeira, diz êle, pôde comparar-se á de *Paulo Afonso* (15).

O *Vitoria*, na região africana do Zambeze, mede 101 m. conforme o *Atlas* do B. Homem de Melo, ou 120 m., segundo Mr. Théo Kasuer (16) por 1647 metros de extensão, ou 1.771, diz pela *Nature* Mr. Gustave Regeisperger, confirmando a altura de 120 m. pela qual acha que *Vitória-Falls* excede em beleza ás do Iguassú, considerando estas, pela extensão, as maiores do mundo.

O Niágara, na América do Norte, segundo Jules Huret (17), tem a sua quêda principal com 48 métrros de altura, por 915 metros de extensão, e outras mais estreitas, e "a água que tomba das catarátas méde

---

(15) — *Atlas do Brasil*, pag. 48.

(16) — *Je sais tout*, de 15-7-1909.

(17) — *De San Francisco ao Canadá*.

um volume de 425.000 metros cubicos por minuto”.

O espetaculo do turbilhão, diz Alfredo de Mesquita, mostra-se-nos de subito, quando o fragor nos ensurdece e a imponencia do teatro nos immobilisa, deixando-nos só o sentido dos olhos acurado para o gozo de tanta magnitude.

As cataratas do Niágara, escreve Regeisperger, são divididas em duas quédas pelas ilhas da Cabra: o braço oriental, ou americano, largo de 322 metros, precipita-se de 50 m. de altura, o occidental, ou canadiano, faz uma curva de 915 metros e sua altura é de 48 metros.

O contraste do Iguassú com o Niágara é flagrante, continua esse escritor, este se precipita em duas enormes massas de água, e o Iguassú se fraciona em um grande número de cascatas grandes e pequenas, que caem com estrondo de todos os lados, em toda a extensão e em vasto anfiteatro. Das cataratas do Nilo, próximo á ilha *Philae*, e cujo estrondo, lendas o dizem, fez muito egipcio perder o ouvido, Jorge Ebers, o culto e moderno historiador da terra dos Faraós, narra: “Deante e atrás de mim, á direita e esquerda, em cima e em baixo, não

distinguia outra coisa mais que penhascos, jorros de água e o azul do firmamento; enquanto que os meus ouvidos permaneciam como que subjugados pelo rumor da marulhada, este aumentou de tal modo no momento em que a chalupa chegou á quéda propriamente dita, que não parecia senão o ruído espantoso do mar embravecido, batendo contra o alcantilado de uma costa, em impetos de furacão" (18).

O rumor indomito, propagando-se de quebrada em quebrada, ressoando como fabulosos vagalhões que estouram, o infrene gorgolhar dos borbotões, jubas encapeladas, de roldão escarpas abaixo abalando o eter, são característicos pecculiares ás grandes quédas d'água.

Nos *Saltos do Iguassú*, porém, ha um conjunto em grande escala, desses traços primaciais.

O autor do *San Francisco ao Canadá* conta que ante o Niágara admirou sem esforço, vencido, emocionado, de uma emoção vigorosa e grave, aquella formidavel potencia da natureza.

No *Santa Maria* sentimo-nos absorvidos pela contemplação, na intensa vibração

---

(18) — J. Ebers, O Egito.

de alma que nos dão as coisas assombrosas, exaltando-nos o espirito, e se considerarmos a extensão da cachoeira, a maior extensão até hoje conhecida, sabendo que nela se repetem os grandes saltos, vemos que a exaltação pode reproduzir-se em novo espectáculo muitas vêses. Temos alí a feição primordial elevada ao grandioso e completamente virgem das profanações utilitarias.

E' a cachoeira, a selva e o céo, majestosamente encerrados em um panorama único.

Ruskin dizia das nuvens, que elas conservam integralmente a sua beleza, porque não as pode profanar a mão dos homens.

E' talvez mais ampla e mais impressionante a magnitude dos *Saltos de Santa Maria*, pelo bucolico e selvagem abandono em que escachoam.

Abandono, digamos, pelo nosso país, que não lhes sabe a força, nem esplendor; que a República Argentina ha muito aparelhou meios de levar, pelo seu lado, á contemplação da cachoeira soberana viajeiros illustres nacionais e estrangeiros, atraídos pela nomeada que aos *Saltos* têm dado a divulgação da imprensa portenha.

Exploradores, engenheiros, homens de Estado, turistas, têm-na estudado, fotogra-



fado, levantado plantas das cataratas e região em derredor, até com esmerilhamentos sobre o sólo e riqueza da flóra.

No ultimo Congresso Internacional de Geografia, já citado, de Washington e S. Luiz, ficou reconhecido oficialmente que cabia o primeiro lugar ás cataratas do Iguassú; o segundo ás do Niágara, e o terceiro ás do Zambéze, ou Vitória, na Africa.

Logo depois do Congresso ter proferido a sua sentença, *The St. Louis Port Dispatch* dizia: "A maior catarata do mundo acaba de ser descoberta. É' uma quéda d'água tão grande que excede ás cataratas do Niágara e do Zambéze, em altura, grandeza e volume, tudo quanto se conhece até hoje, porque estava escondida em uma floresta impenetravel, distante 1.000 milhas da mais próxima cidade. Esta novissima descoberta, assombro do mundo, que vence o Niágara e o Vitória, está situada em um rio divisa do Brasil com a Argentina.

Chama-se a catarata do Iguassú, a mais importante descoberta do século XX".

Não é mister documentação mais eloquente em apoio do que se tem escrito sobre as cachoeiras do Iguassú e, portanto,

do futuro imenso reservado áquela região sem par que vai do Iguassú ao Guairá e que espera a ação dos governos para ser das mais formosas e originais cidades nesta parte do continente.

O rio aberto no granito, o leito sobrelevado a 60 metros n'um paredão final arcaico a um golpe de olhar, torcendo-se em recortes e arestas, em violenta curva de cachoeiras a espalharem dia e noite, sugere-nos a arte assombrosa dos tempos de Salomão, arquitetura monstro, naves e recintos violando o recesso empedernido da montanha, na aspiração das coisas eternas.

A maravilha do Iguassú, porém, fala mais de perto do nosso culto da beleza imperecível, de que a Natureza é o símbolo cósmico.

Quer pelo dia rompendo nas sanguineas da alvorada, ou flamando ao sól canicular, nas soalheiras do verão, quer pela noite que se ergue qual uma montanha de treva coroada pela branca euritmia dos astros; a cachoeira se nos afigura como um versículo ardente do *Cantico dos Canticos* dessa Natureza, dessa mesma Natureza que é implacável, como um marmore grego, para com o paúl das miserias huma-

nas, desde o fogo-fatuo do Poder, até a ignominia material da Moeda, porque é iscuta de tudo o que não seja a verdade absoluta, que é a formosura moral, como o bello é a verdade das coisas, é a razão do existir, porque representa a Beleza imutavel e pura como a abobada azul do Espaço que só é ultrapassada pelo pensamento humano.





As fronteiras brasileira, argentina e paraguaita, reunidas  
na foz do Iguaçu.



Salto Iguaçu (Floriano Barthelemy Mitre).



Salto Iguaçu - Garganta do Diabo.

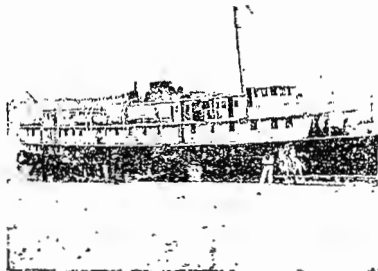
IV



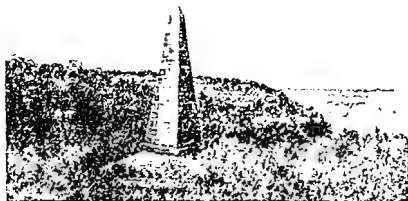
Salto Floriano, no Iguaçu.



Porto fluvial da cidade de Iguaçu, no rio Paraná.



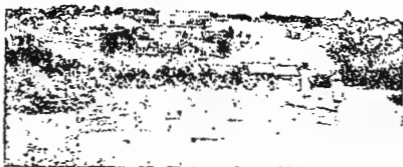
Vapor argentino, da linha para o Iguaçu, no rio Paraná.



Marco Brasileiro na Foz do Iguaçu



Saltos do Iguaçu.



Vista parcial da cidade de Iguassú.



Saltos da Iguassú, trecho panorâmico.





Parte central da cidade de Iguassú.



Salto Iguazú.



Ilha das Sete-Quedas, no Paraná.



Trecho dos Saltos do Iguassú.



Touceira de bambús, na cidade de Igrasso